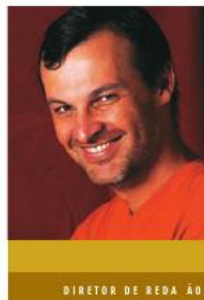
WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
OBINAMANIA
FLAMENGO REVIVE O MITO FIO MARAVILHA
COMEÇOU A CHEIRAR...
EMERSON ROMPE O SILÊNCIO SOBRE O FIASCO DA SELEÇÃO NA ALEMANHA
TORCIDAS ORGANIZADAS
PODEMOS FICAR SÓ COM O LADO BOM?
ATLÉTICO-MG
"TOLERÂNCIA ZERO" FAZ O GALO SUBIR
O NOVO CRAQUE
TRINTÕES E PASSAGEIROS, ZÉ ROBERTO E AMOROSO REPRESENTAM O ATUAL TIPO DE ÍDOLO DO FUTEBOL BRASILEIRO
+ LUCAS, ANDERSON, CUCA, FLUXUNIMED...
ED 1299 • OUTUBRO 2006 R$ 8,99
ISSN 01041762
Abril

preleção

Tem mês que é fácil, a capa simplesmente se apresenta sozinha em nossas reuniões de pauta. É um jogador que está destruindo, um time que merece uma análise mais detalhada, alguém que acabou de ser campeão. Mas nem sempre é assim. Algumas capas nascem de discussões nossas de boteco, ganham corpo no cafezinho e só depois se materializam. São conversas acaloradas, com opiniões contrárias, que pedem investigação até que a tese se comprove ou não. Foi assim, por exemplo, com a Placar de fevereiro, quando estampamos Dida, Cafu e Roberto Carlos com a manchete "Perigo!". Ao contrário do que pensaram os dois últimos, não estávamos perseguindo nenhum deles. A reportagem mostrava a fase complicada, física e tecnicamente, que enfrentavam os dois laterais. Em pleno oba-oba do quarteto mágico, dois meses antes da Copa da Alemanha, bolamos e executamos outra capa polêmica: "Eles não podem jogar juntos" e as fotos de Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Adriano. A idéia da matéria pode ter saído de uma discussão de bar, só que a realização foi um bocado mais trabalhosa. Tivemos que conversar com técnicos, jogadores, analisar números e esquemas para comprovar a suposição inicial. A julgar pelo que aconteceu no Mundial, nossas suspeitas não eram tão absurdas...

A capa de outubro teve origem numa provocação despretensiosa: nossos craques sumiram? Dias depois dessa primeira conversa, o Corinthians anunciou as contratações de Amoroso, César e Magrão, o Cruzeiro repatriou Gabriel, o Santos brigou com o São Paulo para ficar com Zé Roberto. Os fatos serviram para enriquecer ainda mais a discussão. Os editores Arnaldo Ribeiro e Maurício Barros lançaram suas teorias, o repórter André Rizek lembrou uma profecia de Vanderlei Luxemburgo. Segundo o técnico do Santos, o Brasil terá problemas para formar a seleção de 2014, tal o êxodo precoce de craques. Precisávamos ir a campo para investigar tudo isso e falamos com muita gente. O resultado está a partir da página 36.

Mais de 1 000 e-mails chegaram à redação, mas ninguém adivinhou os 50 times "escondidos" na cena surreal que publicamos na edição de agosto. Por isso, estendemos a promoção (os três primeiros que acertarem a lista correta ganham um superprêmio da Placar). Aqui, então, uma primeira dica: são 30 times brasileiros e 20 times do exterior. Boa sorte!

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Redator Chefe: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editores:** Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Repórter Especial:** André Rizek **Repórter:** Paulo Tescarolo **Designer:** Antonio Carlos Castro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich **Colaboradores:** Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Renato Pizzutto (fotógrafo), Ramon E. Muniz (designer), Tato Coutinho (editor de texto) e Renato Bacci (revisor) **CTI:** Eduardo Blanco (chefe), Alexandre Ferreira, Fernando Batista, Julio Jonas, Leandro Alves, Luciano Neto e Marcelo Tavares

www.placar.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti
Serviços editoriais: Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **Correspondente Internacional:** Ruth de Aquino

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5597 **PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócios:** Eliani Prado, Letícia Di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Gerente de Vendas de Publicidade:** Ivanilda Gadioli **Gerente Executivo de Negócios:** Sandra Moskovich **Executivos de Negócios:** Bruno de Paula; Caio Souza; Márcia Marini e Tatiana Castro Pinho **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Fábio Luis **Gerente de Publicações:** Gabriela Nunes **Analista de Publicações:** Marina Pires **Assistentes:** Barbara Robles e Maira Prioli **Gerente de Eventos:** Fabiana Trevisan **Assistente:** Gabriela Freua **Gerente de Projetos Especiais:** Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Junior **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** Cheng Chuan **Analista:** Tales Bombicini **Processos:** Renato Rosante e Eduardo Andrade **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

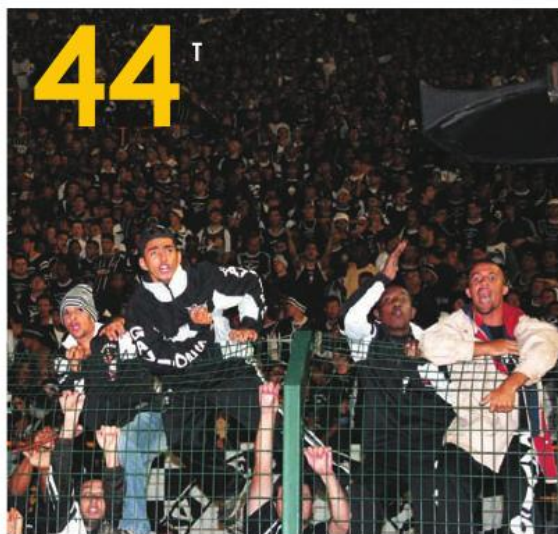
Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191 **Brasilia** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 3426-7342/ 3223-0736/ 3225-2946/ 3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda. tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels.(62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinvillle@viamidiapr.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: m.atitude@uol.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3227-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** tel. (16) 3964-5516, fax (16) 632-0660, e-mail: achrisostomo@abril.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios e Tecnologia:** Exame, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim **Núcleo Comportamento:** Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda, Viva! Mais **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Bizz, Capricho, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Cultura:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo, Guia do Estudante **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha **Núcleo Celebridades:** Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1299 (ISSN 0104-1762), ano 36, outubro de 2006, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Abril

Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara, Valter Pasquini
www.abril.com.br

Destaques

Sempre em Placar

“Quem vai segurar essa bomba somos nós, os torcedores. É estarrecedor conhecer os detalhes dessa sórdida parceria que vai empurrar o Timão para a Segundona”

Queria fazer uma observação para mostrar como vocês da Placar erram feio e acertam em cheio nas previsões. No *Guia do Brasileirão*, disseram que o Paraná era candidato ao rebaixamento e que o Goiás iria rumo à Libertadores. Para compensar, arriscaram que o São Paulo era favorito para o título e que o Palmeiras iria rumo à Libertadores. Mas, se formos bem fundo no assunto, veremos que vocês acertam mais do que erram. Parabéns, Placar.

Na edição de agosto, vocês fizeram uma matéria sobre os times que não estavam indo muito bem no Brasileiro. Nela, vocês incluíram o Grêmio, que realmente não andava bem, só que no ano passado. Porém, este ano, mesmo o time não tendo grande qualidade técnica, estamos muito melhor do que antes. Pelo que vocês escreveram, parecia que nunca iríamos sair dessa. Faltou citar que o Grêmio é mais do que grande, o Grêmio é muita raça e, com ou sem torcida, nossa camisa pesa sobre os adversários. Grêmio, nada pode ser maior!

Só um esclarecimento, Talles. O Grêmio rondou a zona de rebaixamento em 2006, não no ano passado. Quando fizemos uma análise do time, não tinham chegado contratações importantes como Rômulo, Rafinha, Hugo e Léo Lima.

Em meu nome pessoal e em nome da diretoria do Sport Club Internacional, gostaria de agradecer os elogios que nos foram feitos na revista Placar, edição de setembro de 2006, flagrando a conquista da Copa Libertadores da América e tecendo comentários e informações sobre detalhes do certame que culminou com a obtenção do maior título de nossa história.

Leio essa revista desde que era criança. Por isso tenho o direito/dever de manifestar minha indignação! É que, surpreendentemente, logo após a conquista da Libertadores pelo Colorado, esperava ver uma grande reportagem na Placar. Aí, para minha surpresa, o “Curíntia” — aquele mesmo time que só ganhou o Brasileiro do ano passado no tapetão — mereceu mais páginas que o Inter campeão da Libertadores!

A avaliação da Bola de Prata não passa de um tremendo jogo com cartas marcadas! Em 2002, o Santos foi campeão, Robinho arrebentou, principalmente nos jogos finais, e a Bola de Ouro foi para o bonitinho Kaká! Agora estamos vendo o Palmeiras saindo esses dias da zona de rebaixamento e vários jogadores na briga pela Bola de Prata, inclusive seu goleiro, o fantástico (Como é que chama mesmo? Ah! Diego!) encabeçando a Bola de Ouro! O Santos tem a defesa menos vazada e nenhum zagueiro de área seu figura nem entre os dez!

Kaká venceu a Bola de Ouro de 2002 e foi convocado para a Copa do Mundo de 2002. Logo se tornou ídolo do Milan. Quanto ao goleiro Diego, do Palmeiras, uma lembrança: ele só entrou no time depois da Copa. Entre todos os jogadores do Brasileirão, foi quem somou mais pontos no pós-Copa.

★ Fale com a gente

OR FA

OR CARTA

OR E MAIL

As grandes mudanças no futebol geralmente ocorrem em Copas do Mundo. A introdução dos 3 pontos por vitória aconteceu justamente em um Mundial, o dos Estados Unidos, em 1994. O pacote de 94, aliás, foi volumoso. Além dos 3 pontos, a Fifa instituiu uma série de modificações nas regras do jogo. Os técnicos ganharam o direito de contar com 11 jogadores no banco de reservas, e não com os cinco de hábito. Até então, apenas dois jogadores podiam ser substituídos e, a partir daquele Mundial, a terceira substituição foi autorizada. O detalhe é que essa terceira mexida teria que ser necessariamente do goleiro. A falta por trás recebeu o carimbo de “infração grave” e ganhou a recomendação de cartão vermelho. É claro que nem todos que derrubaram os adversários por trás foram expulsos, mas o fato de existirem leis mais duras inibiu muito zagueiro abusado. E, na categoria das mudanças mais cosméticas, o nome do jogador nas costas da camisa também passou a ser permitido.

Olha, Janaina, briga dura. O São Paulo está na frente, mas por muito pouco. São 13 jogos, seis vitórias são-paulinas, cinco do Paysandu e dois empates. No saldo de gols, a diferença já é maior: 27 gols a favor do tricolor paulista e 17 para o lado paraense. Parte desse saldo positivo do São Paulo veio de um único jogo: São Paulo 7 x 0 Paysandu, pelo Brasileiro de 2004, no Morumbi. O passeio são-paulino teve gols de Cicinho (2), Nildo, Grafite, Souza, Fabão e Jean. A torcida do Papão prefere se lembrar de outro encontro. Em 27 de abril de 2003, também pelo Brasileiro, o Paysandu deu uma surra nos paulistas em Belém. Foi um 5 x 2 com um show de Robson, o Robgol, que marcou três gols. Os outros foram de Lecheva e Iarley, enquanto Luís Fabiano e Reinaldo descontaram para o São Paulo.

Se você é torcedor do Sport, Felício, boas notícias: a vitória na Série B de 2006 vale um recorde. Hoje o Sport está com dois títulos, empatado com Guarani, Paraná e Paysandu. Vale rassaltar na tabela abaixo que não “pulamos” nenhum ano. Pela desorganização do futebol brasileiro, não houve competição de 1973 a 1979. Em 1986 e 1993 não houve decisão de título e, em 1987, o jogo entre Sport e Guarani não viu um vencedor (ficou empatado até nos pênaltis, e o título foi dividido).

ANO	CAM EÃO	VICE

Clemência!
Banrisul
2
TRAMONTINA
Unimed
Porto Alegre
vivo
Banrisul
CRVG

Ela acabou “fondo”!

Jerônimo!

Personagem do mês | Riquelme

Se há algo que se deve creditar a Juan Román Riquelme é sua infinita coerência. Sua fidelidade a uma maneira de ser e de pensar, inclusive nas horas mais ingratas. O craque argentino deu uma nova amostra dessa personalidade à prova de balas, surpreendendo seu próprio país com a mesma arma que o transformou em uma figura sem fronteiras: uma jogada inesperada.

A pedido de sua mãe, cuja saúde fraquejou de tanto ouvir críticas ao filho depois do Mundial da Alemanha, Riquelme decidiu renunciar à seleção argentina justamente quando seu vibrante treinador, Alfio Basile, lhe havia dado um gigantesco voto de confiança, outorgando-lhe a capitania na estréia do técnico contra o Brasil, em Londres.

Paradoxalmente, o meia do Villarreal, que sempre manteve uma relação tortuosa com a imprensa, elegeu os jornalistas como veículo para comunicar ao povo sua decisão irrevogável. Depois de um breve telefonema a Basile, concedeu uma entrevista para o *Telenoche*, o noticiário mais visto na Argentina, e colocou um ponto final em sua carreira com a "celeste e branca".

María, a mãe de Riquelme, foi internada duas vezes no último mês, com os nervos abalados. Mas o torcedor argentino não acredita nesse novo drible de Román. Desconfia que se trata de um truque para esconder o verdadeiro motivo de sua renúncia: a profunda dor pelas críticas depois do Mundial. Intimamente, Riquelme se via como reencarnação de Juan Sebastián Verón, alvo de um castigo feroz dos torcedores argentinos depois da Copa de 2002. "Não quer ter que jogar pela seleção no campo do River Plate e ser obrigado a ouvir uma vaia injusta", sustentam pessoas do círculo mais íntimo de Román. Antes da Copa do Mundo da Alemanha, Riquelme havia antecipado a possibilidade de uma decisão polêmica como essa que anunciou. "Se ganharmos a Copa, não descarto me aposentar do futebol", declarou, embora ninguém naquele momento lhe desse crédito.

Mas a personalidade de Román se encaixa perfeitamente com os deslizes apocalípticos. De pequeno, quando nem sequer havia obtido seu primeiro título com o Boca Juniors, repetia aos quatro ventos que se divertia muito mais jogando uma pelada com seus amigos do que em uma partida profissional. E Riquelme gazeteava, dizendo que poderia deixar o futebol prematuramente, quando nem bem tinha assegurado o futuro de sua família.

> **"Riquelme repetia aos quatro ventos que se divertia muito mais jogando uma pelada com seus amigos do que em uma partida profissional"**

Pode-se dizer que Riquelme perde muitíssimo com essa renúncia. Mas ninguém perderá mais que a camisa da Argentina. Acusado de ser lento nos deslocamentos, Román sempre entendeu que no futebol vale ouro fazer correr a bola, que nunca se cansa. E poucos jogadores a deslizam pelo gramado com a visão e a inteligência de Riquelme.

Como um marido sem rancores, Riquelme se divorciou da seleção argentina sem reclamar bens e pensões. Mas se valeu do direito de exercer o mais cruel dos egoísmos: já não mais compartilhará seu futebol com o resto dos argentinos. E essa sim é a mãe de todas as preocupações...

Ser fanático por jogos de futebol transmitidos na televisão pode fazer alguém ganhar dinheiro? No caso de Will Rodrigues, 30 anos, sim. Ex-volante que chegou a atuar no futebol polonês, mas que interrompeu a carreira por causa de contusão, Rodrigues se especializou em caçar talentos. Começou garimpando jogadores para times amadores de Curitiba e conta que desenvolveu "técnicas" de observar craques em potencial na televisão.

Will Rodrigues assiste àqueles jogos "roubada". Suas especialidades são partidas das séries A-1, A-2 e A-3 do Paulista, das copas São Paulo de Juniores e Federação Paulista de Futebol e das séries B e C do Brasileiro. "Eu busco no jogo um jogador que me interesse e passo a acompanhá-lo", diz. Se gosta, o olheiro decide ver o atleta ao vivo. "Viajo e assisto uns três ou quatro jogos, sem ele saber que estou observando", diz Rodrigues, que não gosta de ser chamado de olheiro, mas de "observador técnico".

Após aprovar o jogador dentro de campo, Rodrigues diz que investiga o histórico do craque em potencial. "Procuro me informar se ele não sofreu uma lesão grave, de quem são os direitos federativos e se ele não tem problemas extracampo." Foi assim que Rodrigues descobriu para o Paraná Clube jogadores como o lateral-direito Neto, os zagueiros Daniel Marques, Gustavo e Edmílson, o atacante Borges e o meia-atacante Maicossuel. Sobre este último, ele prevê: "Ele é craque e vai longe".

O alto índice de acerto na descoberta de jogadores valorizou Will Rodrigues. Em julho, o Coritiba fez uma oferta para tirá-lo do rival Paraná. O observador, que ganhava cerca de 5 000 reais por mês no tricolor, foi contratado por 15 000 reais pelo Coxa. Trata-se de um salário equivalente ao de um jogador bem pago no futebol paranaense. Will, no entanto, não confirma quanto ganha no Coritiba, mas promete justificar o salário. "Tenho contrato até o fim de 2007 e, até lá, a missão é descobrir jogadores que honrem o clube", diz.

VENENO!

"O Atlético está leiloando meu DNA. Essa taça representa meu DNA"

"Segurei a sua camisa e ele disse: 'Se você quer a minha camisa, te dou depois do jogo'. Então, respondi que preferia a irmã dele"

Dicionário da bola

Placar traduz os novos e velhos vocábulos do futebol

(Subst. Fem.)

Lendas da bola

OR MILTON TRAJANO

O inacreditável, o impressionante, o sobrenatural. Histórias que os gramados não contam

OR ENRI UE AZNAR

O homem mais irado da cidade

Separados no nascimento

Cara de um, focinho de outro — as incríveis semelhanças descobertas pela equipe de Placar

MORTOS-VIVOS

Os jogadores brasileiros hoje conseguem saltar de um time para seu maior rival sem crises de consciência. Quem fica no time por mais de dois anos é considerado um fracassado (porque ninguém o comprou) ou um decadente protegido pelo técnico.

Nas primeiras décadas do futebol brasileiro, certos jogadores passavam toda sua carreira num único clube e se tornavam ídolos de uma só torcida. O Sport Club Internacional teve por exclusividade durante 12 anos o talento (e o humor) de Alberto Zolim Filho, o Carlitos. Ele nasceu em Porto Alegre, no dia 27 de novembro de 1921. Aos 18 anos, já vestia a camisa vermelha e jogava no ataque. Deixou crescer um bigode à Charlie Chaplin, daí o apelido.

Na década de 40, o Inter montou um rolo compressor com Ivo Winck, Nena, Abigail, Marcelo, Álvaro, Risada, Alfeu, Magno, Assis; Tesourinha, Russinho, Rui, Castilhos, Vilalba e Carlitos. E tinha uma grande vantagem sobre o rival: negros entravam em sua equipe desde 1926, o que só foi permitido pelo Grêmio no ano de 1952.

Com esse time, Carlitos foi campeão gaúcho logo em seu segundo ano de Inter, em 1940. E ganhou também em 1941, 42, 43, 44 e 45! Perdeu o de 46, voltou a ganhar em 47 e 48. Falhou também em 49 para faturar o bi de 50 e 51.

Ninguém marcou mais gols pelo Inter do que Alberto Zolim Filho. Foram 326 no total, em 15 anos seguidos, até a aposentadoria em 1951. Começou na defesa, mas corria muito e se firmou como ponta-esquerda. Seu apelido: o Homem dos Gols Impossíveis.

Um desses "gols impossíveis" aconteceu no Grenal que decidiu o campeonato de 1944. Carlitos tinha operado os meniscos apenas 23 dias antes. Todo mundo achou que ele mal conseguiria andar em campo, com os joelhos ainda inflamados. O juiz apitou e Carlitos pegou a bola e disparou, sem que nenhum gremista conseguisse brecá-lo. Foi até o gol adversário e marcou, com poucos segundos de jogo. Foi o primeiro dos 2 x 1. Inter campeão.

Em 1945, Carlitos, camisa 11, fez seu gol mais impossível. O Inter jogava contra o Cruzeiro de Porto Alegre. A jogada só pode ser imaginada em câmera lenta, com os relatos que sobreviveram ao tempo. O atacante colorado Tesourinha cruza, o zagueiro cruzeirense Nelson Adams tenta rebater, mas a bola bate no bico de sua chuteira e encobre o goleiro Marne. Carlitos percebe a falha do zagueiro e dispara em direção ao gol. Aparentemente, vai dar um toque de peito e entrar no gol junto com a bola. Mas o inesperado acontece. A bola quica no travessão e volta para trás. No embalo, Carlitos não consegue brecar e atravessa a linha do gol. Tento perdido? Não para o Homem dos Gols Impossíveis. Os pés permanecem dentro da meta, mas a parte superior do seu corpo se contorce para trás. Os pés tocam as redes, mas sua cabeça permanece em campo. Carlitos inclina a cabeça de forma que a bola, na volta do travessão, bate em sua testa e entra no gol. O lance ficou conhecido (e eternizado numa flâmula muito popular) como o Gol do Plano Inclinado. Carlitos morreu com 79 anos, em 2001.

Moisés, não o carniceiro do Bangu e do Vasco, mas o bíblico Moisés das Tábuas da Lei do monte Sinai, teve que vagar 40 anos pelo deserto ao lado do povo hebreu em busca da Terra Prometida. Quarenta anos por punição divina porque, no trajeto, resolveram adorar até bezerros de ouro. Só que Moisés, ao fim da longa caminhada, não pôde chegar a Jericó e conhecer a tão sonhada Terra Prometida. É que ele morreu pouco antes e coube a Josué, seu sobrinho, a condução de seu povo até a fortificada Jericó, a cidade mais velha do mundo, então dominada pelos cananeus, hititas e eveus.

Mas não é que as muralhas de Jericó caíram, derrubadas por vontade divina, e os hebreus finalmente chegaram ao sonhado destino?

"Não sei, não, mas nessa toada o São Paulo termina o Brasileiro atrás do Corinthians numa virada tão dolorida quanto vagar 40 anos atrás de um tetra da Libertadores e do Mundo só porque um jogador foi expulso numa decisão"

Gozado, o tempo passou, e como passou, e muitíssimo mal comparando, não é que outro Josué está provocando, agora negativamente, a derrubada de outras muralhas, as do Morumbi? Sim, puxem pela memória. O São Paulo não era um perfeito relógio suíço até aquele primeiro jogo decisivo da Libertadores contra o Inter no Morumbi? O time não liderava com folgas o Campeonato Brasileiro e dava pinta de que deixaria os adversários comendo poeira? E não foi aquela infeliz e rara expulsão de Josué que desestruturou o time tricolor de um jeito que até hoje se nota? O São Paulo não lembra hoje um relógio avariado, atrasado? E relógio que atrasa não adianta.

Em seguida vieram a perda da Libertadores no Beira-Rio, a saída de Ricardo Oliveira, o nascimento do apelido "Burrucy", a trágica transferência de Lugano, a perda da garra e uma estranha "hemorragia psicológica". A bola começou a "queimar" no pé dos jogadores são-paulinos, a falta de confiança em campo começou a se manifestar nos resultados. A queda de rendimento atingiu jogadores fundamentais do time, como Danilo, Leandro, Fabão e o próprio Josué. É claro que Josué não é o único culpado, nem o culpado maior, mas é o fator emblemático que melhor faz lembrar o início dessa fase tão ruim do time do Morumbi. Não sei, não, mas nessa toada o São Paulo termina o Brasileiro atrás do Corinthians numa virada tão dolorida quanto vagar 40 anos atrás de um tetracampeonato da Libertadores e do Mundo só porque um jogador foi expulso numa decisão de um time que não teve uma diretoria mais atenta ao fator reposição. Há queda livre no Morumbi com seus portões abertos e as muralhas no chão.

Olho neles

Argentina

Sergio Lionel "Kun" Agüero
Nascimento: 2 de junho de 1988
Local: Quilmes (Argentina)
Posição: Atacante

México

Giovanni dos Santos Ramirez
Nascimento: 11 de maio de 1989
Local: Monterrey (México)
Posição: Meia-atacante

Está claro: o futebol mundial antecipou a época de engorda das galinhas dos ovos de ouro. Já é praxe pagar caro e atribuir responsabilidades a adolescentes que normalmente só disputariam jogos importantes no PlayStation. Virou diversão descobrir jovens pérolas para o futuro, embora o interesse seja usá-los agora mesmo, no presente. O norte-americano Freddy Adu, o argentino Leo Messi, o espanhol Cesc Fábregas... Esses já não são novidade, embora ainda precisem mostrar o documento para pedir uma cerveja. Os próximos nomes de que você ainda vai ouvir falar muito são "Kun" Agüero, 18 anos, e Giovanni dos Santos, 17. O primeiro argentino e o segundo mexicano.

O NOVO-NOVO DIEGUITO

Já foi Riquelme, já foi Messi. Agora quem ganha fama como sucessor de Diego Armando Maradona é Sergio Lionel Agüero, recém-contratado pelo Atlético de Madri por 23 milhões de euros — maior negócio da história do clube. O garoto do Independiente foi o mais jovem a estrear na primeira divisão do Campeonato Argentino, aos 15 anos, e era o companheiro de ataque de Messi no time campeão mundial sub-20 em 2005. Mas isso pouco importa. A razão de o "Kun" (o apelido, dado pela avó, vem de um personagem de desenho animado japonês) valer tanto dinheiro é a mesma que fazia com que muitos torcedores de outros times fossem a Avellaneda vê-lo jogar: tudo o que ele faz é bonito. Os argentinos tratam sua ausência do elenco da Copa de 2006 como a de Maradona na de 1978: um crime. Agüero só estreou em setembro, na derrota por 3 x 0 para o Brasil na Inglaterra. Nos 15 minutos em que esteve em campo, já fez uma jogada espetacular e deixou Insúa na cara do gol. Acostume-se: o garoto desandou a fazer gols na pré-temporada do Atlético e, com a saída do sérvio Kezman, deve se fixar como titular no ataque ao lado de Fernando Torres.

O NOVO RONALDIÑO

Se Agüero é o novo Maradona, o mexicano Giovanni dos Santos já virou "o Ronaldinho canhoto". A diferença é que, para o garoto formado nas categorias de base do Barcelona, ainda falta um tempo antes de começar a brilhar no time principal. Mesmo depois de disputar parte da pré-temporada com Frank Rijkaard e de inclusive ter marcado um golaço num amistoso contra o Aarhus na Dinamarca, por enquanto Giovanni fica maturando no Barcelona B. O maior palco para brilhar, portanto, são as categorias de base da seleção mexicana. E isso ele tem feito de sobra: no Mundial sub-17 do Peru, comandou os astecas ao surpreendente título e foi eleito o segundo melhor jogador do torneio (atrás do brasileiro Ânderson, ex-Grêmio e hoje no Porto). Tal como Ronaldinho, Giovanni chama atenção colocando seus companheiros na cara do gol mais do que marcando. É o que mais enche de orgulho seu pai, o brasileiro naturalizado mexicano Zizinho, ex-jogador do América e do Monterrey. "Atenção que logo mais outro filho meu, do juvenil do Barça, estará na seleção mexicana, pode ter certeza", diz Zizinho. O nome em questão é Jonathan do Santos, 15 aninhos de vida...

Existem dois motivos que fariam um torcedor brasileiro não ser bem recebido no estádio do Exeter City. O primeiro é torcer para o rival Torquay, mas não há registro de que tal pessoa exista. O segundo é ser fã de Michael Jackson. Não sendo esse o caso, alguém com um sorriso no rosto provavelmente dirá: "Nós já enfrentamos a seleção brasileira!"

Verdade. Aliás, antes do Exeter ninguém havia enfrentado a seleção. Foi por causa de uma excursão do time à América do Sul, em 1914, que cariocas e paulistas resolveram juntar as forças e botar em campo uma equipe para representar o país. Olhando hoje em dia, a impressão é de que não precisava tanto. O Exeter City jamais passou da terceira divisão do futebol inglês e nas oito décadas seguintes teve como grande acontecimento o título da quarta divisão em 1990. Rebaixado novamente quatro temporadas depois, somente voltaria a virar notícia 12 anos mais tarde, graças a Michael Jackson.

O popstar aceitou tornar-se diretor honorário do clube, atendendo a um convite do amigo Uri Geller, aquele israelense que dizia ter poderes paranormais e virou figura fácil na TV brasileira no fim dos anos 70 entortando talheres. Geller tornou-se co-presidente do Exeter City em maio de 2002 e, com ele por lá, o que já estava ruim ficou pior. O clube caiu para a quinta divisão inglesa e deixou de fazer parte da Liga Profissional, que engloba as quatro primeiras divisões.

"Todo mundo pensou que a chegada dele fosse melhorar as coisas, mas aquilo virou um circo. Não gosto nem de lembrar. Até o Darth Vader estava lá", diz Steve Flack, eleito o maior jogador dos últimos dez anos do clube. Flack não exagera. Vader estava realmente lá assistindo aos jogos. Ou melhor, David Prowse, o ator que fez o vilão nos filmes *O Império Contra-Ataca* e *O Retorno de Jedi*.

Michael Jackson nunca mais apareceu. Uri Geller, ao contrário, costumava ir ao vestiário para proferir discursos motivacionais aos jogadores. "Quando ele soube que eu era brasileiro, me contou que era famoso no Brasil. Até entortou a colher na minha frente, fiquei assustado", diz o zagueiro brasileiro Márcio Gaia, que passou quatro temporadas no Exeter e agora atua no Stevenage, da mesma divisão.

"Nós gostamos muito do Brasil. Depois da Inglaterra, torcemos por eles", diz Rachel Holland, de 13 anos, que joga nas divisões de base do Exeter ao lado da amiga Tasha. No St. James Park, o estádio do Exeter, marcam presença com um tambor e gritos para os times visitantes, como: "You're going down" ("Vocês vão cair").

Em Exeter, não vale é perguntar o placar do famoso jogo de 1914 nas Laranjeiras. Ok, está lá para o mundo inteiro ler: 2 x 0 para o Brasil, com gols de Oswaldo Gomes e Osman. Mas, na cidade, durante muito tempo valeu a história de que a partida terminou empatada em 3 x 3. Até há bem pouco tempo, os jornais locais publicavam histórias curiosas sobre o jogo: "Imagine esse resultado hoje em dia! Mas foi verdade. O Exeter City segurou o empate com a seleção brasileira".

O Brasil voltou a enfrentar o Exeter na comemoração do centenário do clube, em 2004, com um time de veteranos, entre eles alguns remanescentes do tetracampeonato mundial de 1994 — de novo, vitória brasileira, por 1 x 0, gol do centroavante Careca. Mas a melhor história em Exeter dá conta de um presente que a delegação trouxe do Brasil. Uma arara, que não teria resistido ao mau tempo inglês e acabou morrendo pouco depois do início da temporada. O pássaro acabou enterrado atrás do gol localizado à esquerda das tribunas. Algumas semanas depois, os jogadores perceberam que não estavam marcando mais gols ali. Suspeitaram da ave e decidiram desenterrar a arara para sepultá-la no meio do campo, onde, garantem, está até hoje.

▲ SOBE

▼ DESCE

Um detalhe chamou atenção entre os jogadores do Sevilla na conquista da Supercopa Européia contra o Barcelona em Mônaco. O atacante Frederic Kanoute vestia uma camisa diferente das dos demais companheiros. Na verdade, com um detalhe diferente. Ele havia tapado a marca do patrocinador do clube, uma casa de apostas, por dizer que apostas eram contra sua religião. Convertido ao islamismo desde os 20 anos, o jogador do Mali, nascido na França, também fez o mesmo na estréia do Sevilla na Liga Espanhola diante do Levante.

A BBC, da Inglaterra, chegou a anunciar que Kanoute conseguira autorização para atuar com um uniforme sem patrocínio. Mas, ao que parece, a empresa que paga 3 milhões de euros mensais ao clube conseguiu encontrar uma maneira de fazer com que o jogador reavaliasse sua atitude. Após dias de negociação, clube e patrocinador declararam que Kanoute vestirá um uniforme exatamente igual ao dos companheiros. No entanto, negaram-se a comentar como se chegou a um acordo, dando margem a duas versões: a primeira é a de que Kanoute receberá uma compensação financeira para contrariar sua fé islâmica. A segunda é a de que o jogador foi convencido da "responsabilidade social" da casa de apostas, que patrocina projetos assistenciais pelo mundo afora.

Na Itália ele é José Altafini, ou simplesmente José. No Brasil, quem o viu jogar se recorda é do Mazzola, apelido que ganhou no Palmeiras nos anos 50, por ter um estilo de jogo muito parecido com o do legendário campeão italiano Valentino Mazzola. Aos 68 anos, o ex-jogador da seleção que conquistou o título da Copa da Suécia, em 1958, é sucesso de audiência na TV.

Depois de deixar São Paulo aos 20 anos, justamente em 1958, o nosso Mazzola fez carreira internacional jogando pelo Milan, pelo Napoli e pela Juventus. José Altafini pode ser considerado o precursor dos brasileiros na Itália. Os vários títulos em campo lhe renderam não só simpatia nos estádios de futebol, mas também fora deles. Hoje, ele é o comentarista mais famoso na televisão italiana. O bordão "amici" (pronuncia-se amixi), ou seja, "amigos", é sua marca registrada nas transmissões da Sky Italia.

José vive distribuindo autógrafos pelos estádios e pelas ruas. "Gosto do que faço e acho que consigo criar uma intimidade com o torcedor-telespectador", afirma. Mas a vida na frente das câmeras não é feita só de glórias. Há também as famosas gafes. E José não foge à regra. "Em um jogo pela Copa Uefa, quando eu ainda trabalhava pela Telemontecarlo, há mais de dez anos, comentei toda a partida elogiando um ponta-esquerda do Liverpool. No fim do jogo, me dei conta de que o tal jogador nem tinha sido escalado... Que vergonha!", diz, divertido-se.

O brasileiro ficou tão conhecido que muitas agências de publicidade já o sondaram para usar o seu "amici" em comerciais. Ele se prepara para completar 50 anos fora do Brasil e revela que carrega consigo dois arrependimentos. O primeiro: ter renunciado ao apelido Mazzola quando veio jogar no Milan. "Tive que adotar meu verdadeiro nome. E ninguém no Brasil ou no mundo me conhecia como Altafini. Eu era Mazzola e ainda sou no meu país." O segundo: ter trocado a camisa canarinho pela Azzurra em 1962. "Perdi a chance de ganhar o bicampeonato mundial e quem sabe o tri. Tenho cidadania italiana, passei a maior parte da minha vida aqui, mas quando o Brasil entra em campo sou torcedor mesmo. Afinal, pátria e mãe temos uma só." Não é, "amici"?

★ Craques do microfone

Holanda
- **Gullit** (ex-Milan) — Talpa TV
- **Kieft** (ex-Ajax) — Canal +
- **Johan Cruyff** (ex-Barcelona) — NOS Studio Sport

Alemanha
- **Franz Beckenbauer** (ex-Bayern) — Première
- **Rummenigge** (ex-Bayern) — Première
- **Stefan Effenberg** (ex-Bayern) — Première
- **Fredi Bobic** (ex-Stuttgart) — DSF
- **Berti Vogts** (ex-Borussia) — DSF

Inglaterra
- **Lineker** (ex-Barcelona) — BBC
- **Alan Shearer** (ex-Newcastle) — BBC
- **John Barnes** (ex-Liverpool) — Channel Five
- **Ally McCoist** (ex-seleção escocesa) — ITV
- **Andy Townsend** (ex-seleção do Eire) — ITV

Argentina
- **Diego Latorre** (ex-Boca Juniors) — Fox Sports
- **Norberto Alonso** (ex-River) — Fox Sports
- **Roberto Perfumo** (ex-Cruzeiro) — ESPN
- **Enrique Wolff** (ex-Racing) — ESPN
- **Daniel Bertoni** (ex-Independiente) — Fox Sports
- **Patricio Hernandez** (ex-River) — TyC

Portugal
- **Humberto Coelho** (ex-Benfica) — SIC
- **António Simões** (ex-Benfica) — SIC

França
- **Bixente Lizarazu** (ex-Bayern Munique) — Canal +
- **Christophe Dugarry** (ex-Milan) — TF1
- **Emmanuel Petit** (ex-Arsenal) — TV5

Itália
- **Leonardo** (ex-Milan) — Sky
- **José Altafini** (ex-Juventus) — Sky
- **Paolo Rossi** (ex-Juventus) — Sky
- **Gianluca Vialli** (ex-Juve e Sampdoria) — Sky
- **Luca Marchegiani** (ex-Lazio) — Sky
- **Zvonimir Boban** (ex-Milan) — Sky
- **Zbigniew Boniek** (ex-Roma) — RAI
- **Giuseppe Giannini** (ex-Roma) — RAI
- **Giuseppe Bergomi** (ex-Inter) — Sky

Espanha
- **Carlos Alberto Pintinho** (ex-Sevilla) — La Sexta
- **Julen Guerrero** (ex-Athletic Bilbao) — TVE
- **Kiko** (ex-Atlético de Madri) — La Sexta
- **Julio Salinas** (ex-Barcelona) — La Sexta
- **Valery Karpin** (ex-Celta e Real Sociedad) — TVE
- **Ferrer** (ex-Barcelona) — La Sexta
- **Michael Laudrup** (ex-Barcelona e Real) — Antena 3
- **Rafael Alkorta** (ex-Real Madrid) — Canal +

O CRAQUE VOLTOU?

Os dois têm 32 anos e voltaram por razões diversas. Um porque não conseguiu seu objetivo principal, que era jogar na Espanha — teve propostas, mas de outros países. O outro porque amargava a reserva em seu clube na Itália e só no Brasil teria de volta a condição de astro. **Zé Roberto** e **Amoroso** são o que restou de craque para esta reta final de Campeonato Brasileiro. Uma realidade nada animadora para um torneio que, em seus 35 anos de história, contou sempre com artistas do futebol. Mas que hoje, dada a multiplicação de campeonatos e clubes mais ricos na Europa, Oriente Médio e Ásia, é obrigado a aceitar como ídolos jogadores muito bons tecnicamente, mas em fase final de carreira.

POR **MAURÍCIO BARROS** E **ANDRÉ RIZEK**
FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI, EUGÊNIO SÁVIO E STEFANO MARTINI
DESIGN RODRIGO MAROJA

ZÉ ROBERTO E AMOROSO
O primeiro saiu do Brasil ainda garoto e voltou com status de fora-de-série. O segundo fez um pingue-pongue: São Paulo-Milan-Corinthians

"Quem é que tem de craque hoje no país? Difícil, hein?" A frase é de Amoroso, recém-chegado do Milan, da Itália, onde convivia com estrelas como Nesta, Maldini, Kaká, Pirlo, Inzaghi. "Acho que, desde a saída do Robinho e agora do Tevez, não temos mais aquele jogador que desequilibra", afirma o atacante corintiano, que não estava sendo aproveitado no Milan e chegou justamente para ocupar o lugar que era de Carlitos Tevez, atualmente no obscuro West Ham, da Inglaterra.

De fato, para Amoroso é difícil encontrar um craque no Brasil que não seja no espelho. Contam-se hoje nos dedos jogadores em atividade no país que mereçam tal tratamento. Sávio e Zé Roberto, também recém-chegados, lhe fazem companhia. Entre os que já estavam por aqui, podemos citar três: Rogério Ceni, Petkovic e Edmundo. Todos jogando os últimos campeonatos de suas carreiras. Nenhum cogitado para servir a seleção — nem Pet a sérvia.

O reflexo em campo é inevitável. "As coisas ficaram muito iguais e o clube que estiver mais organizado leva vantagem", diz o novo camisa 10 corintiano. A tábua de classificação corrobora a explicação. Os times que hoje lideram o torneio se destacam pelo conjunto — São Paulo, Internacional, Santos, Grêmio, Vasco e Paraná não passam de um amontoado de operários bem treinados.

Por isso, este Brasileirão é também uma oportunidade de ouro para os técnicos, que podem aparecer mais. É o que tem acontecido com Vanderlei Luxemburgo, Cuca, Tite, Abel, Caio Júnior e Renato Gaúcho. Renato, aliás, é o técnico mais longevo da Série A, o único de toda a competição que permanece no cargo desde o ano passado. Não deve ser também por acaso que os cinco primeiros colocados são equipes que têm seus treinadores, pelo menos, desde o começo do ano. Com os times nivelados por baixo, a figura do chefe voltou a ser vital, e seus salários também subiram por conta disso. Não há mais jogadores que desequilibram, que corrigem com talento escalações e esquemas mal resolvidos.

EMBARQUE E DESEMBARQUE

Depois do fim do primeiro turno, quase todos os clubes partiram para mini-reformulações. Veja quem saiu e quem chegou

ATLÉTICO-PR

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Paulo Rink	atacante	Omonia Nicosia-CHP
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Dagoberto	atacante	sem clube

CORINTHIANS

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
César	lateral-esquerdo	Internazionale-ITA
Magrão	volante	Yokohama F. -JAP
Amoroso	atacante	Milan-ITA
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Mascherano	volante	West Ham-ING
Tevez	atacante	West Ham-ING

CRUZEIRO

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
André Luís	zagueiro	Benfica-POR
Ferreira	atacante	União Leiria-POR
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Edu Dracena	zagueiro	Fenerbahçe-TUR

FIGUEIRENSE

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Márcio Goiano	lateral-direito	Gama-DF

FLAMENGO

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Bruno	goleiro	Atlético-MG
Jajá	atacante	Vila Nova-GO
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Walter Minhoca	meia	Ipatinga-MG
Diego Silva	atacante	Ipatinga-MG

FLUMINENSE

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Neto	lateral-direito	Santos
Henrique	zagueiro	sem clube

FORTALEZA

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Roberval Davino	técnico	América-RN
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Hélio dos Anjos	técnico	São Caetano

GOIÁS

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Galeano	volante	Fortaleza
Muñoz	atacante	Palmeiras

INTERNACIONAL

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Martín Hidalgo	lateral-esquerdo	Libertad-PAR
Gum	zagueiro	Marília
Fabián Vargas	volante	Boca Juniors-ARG
Pinga	atacante	Treviso-ITA

JUVENTUDE

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Alessandro	atacante	Lierse-BEL
Cristiano	atacante	Fast-AM
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Marco Antônio	meia	Sport

PALMEIRAS

QUEM SAIU	POSIÇÃO	CLUBE ATUAL
Leonardo Silva	zagueiro	Portuguesa
Muñoz	atacante	Goiás

PONTE PRETA

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Zacarias	zagueiro	São Raimundo-AM
Pituca	atacante	Atlético-GO

SANTA CRUZ

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Zé Adriano	zagueiro	Nacional-SP
Fabrício Ceará	atacante	Belenenses-POR
Jorge Henrique	atacante	Ceará
Fito Neves	técnico	Vitória
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Váldson	zagueiro	sem clube
Tiano	volante	sem clube
Zada	meia	sem clube
Maurício	meia	sem clube
Maurício Simões	técnico	sem clube

SANTOS

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Zé Roberto	Meia	Bayern Munique-ALE
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Neto	lateral-direito	Fluminense

SÃO CAETANO

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Maurício	zagueiro	Iraty-PR
Dinelson	meia	Atlético-MG
Martin	atacante	América de Cali-COL
Júlio César	atacante	Itulutaba-MG
Lucas	atacante	Ajaccio-FRA
Hélio dos Anjos	técnico	Fortaleza
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Diego Tardelli	atacante	PSV Eindhoven-HOL
Fábio Luís	atacante	Ipatinga-MG
PC Gusmão	técnico	sem clube

SÃO PAULO

QUEM CHEGOU	POSIÇÃO	CLUBE ANTERIOR
Miranda	zagueiro	Sochaux-FRA
QUEM SAIU	**POSIÇÃO**	**CLUBE ATUAL**
Denilson	volante	Arsenal-ING

VASCO

QUEM SAIU	POSIÇÃO	CLUBE ATUAL
Edílson	atacante	Nagoya G. Eight-JAP

MAGRÃO
"PALMEIRENSE DE CORAÇÃO", ACEITOU TROCAR O FUTEBOL JAPONÊS PELO CORINTHIANS E CAIU LOGO NAS GRAÇAS DA EXIGENTE FIEL TORCIDA

O mais vencedor desses técnicos, Vanderlei Luxemburgo, tem isso muito claro. Ele se acostumou a ganhar seus Brasileiros com times de ataque arrasador e futebol vistoso. Mas este ano o Santos foi campeão paulista com a defesa menos vazada e um ataque apenas regular. Agora atravessa o Brasileiro na zona da Libertadores graças, novamente, à marcação que tem feito deste Santos o time menos vazado na maior parte da competição. "Hoje em dia não existem mais, no futebol brasileiro, aqueles jogadores que façam a diferença, aqueles que chamávamos de craques, que podem decidir num lance genial", diz Luxemburgo. "O futebol está muito equilibrado e, hoje em dia, o fato de você estar organizado para não levar gols já é meio caminho andado", afirma.

Esse deserto tem reflexo no mercado. Quando um jogador de destaque, mesmo que já rodado, fica disponível e topa voltar ao Brasil, a disputa é ferrenha. O clube de Luxemburgo competiu com São Paulo e Corinthians pelo direito de contar com Zé Roberto. Um jogador que, segundo suas próprias palavras, está com 60%, 65% de suas condições, pois recupera-se de uma cirurgia. "Não sou salvador da pátria, não ganho jogo sozinho. Sou um jogador de grupo", diz Zé Roberto. No atual estágio do futebol brasileiro, porém, o "operário" da seleção virou galáctico.

SEM TIME PARA A COPA 2014

O futebol brasileiro nunca esteve tão próximo da economia colonial como agora. Como o pau-brasil, o açúcar e o café, exportamos nossa melhor matéria-prima. Só que hoje as metrópoles são muitas — nossos craques não desembarcam mais só em Portugal, Itália, Espanha, Inglaterra e Alemanha, como também na Ucrânia, Rússia, Japão, Coréia e Oriente Médio.

No ano passado, havia 66 brasileiros jogando a Liga dos Campeões (o país só perdia para a França, com 69 atletas). Este ano, os brasileiros aumentaram sua participação e somam 88. Só o Por-

to conta com dez: Hélton, Ibson, Paulo Assunção, Ezequias, Anderson, Alan, Jorginho, Adriano Louzada, Pepe e Bruno Moraes. Anderson foi embora do Grêmio para o Porto com 17 anos. Começa agora a brilhar na Europa sem ter escrito sequer a primeira letra na história do Campeonato Brasileiro. Agora é provável que só retorne ao país em fim de carreira. O mesmo aconteceu com Denílson, volante são-paulino de 18 anos, destaque de seleções de base, que foi contratado pelo Arsenal, da Inglaterra. Os clubes estrangeiros atuam como investidores, que compram quadros quando eles ainda são meros esboços.

"Esse processo de perder jogador é irreversível, mas as pessoas não estão percebendo a gravidade disso", diz Luxemburgo. "O jogador está saindo cada vez mais cedo e isso prejudica sua formação como atleta. A gente nem pode mais acompanhar a evolução de um garoto de 17 anos de perto. O resultado disso é que a geração de 2010 já está garantida, temos jogador de sobra. Mas e para 2014? Que jogador a gente pode dizer que esteja surgindo e que a gente esteja acompanhando a evolução dele?", diz o treinador.

Em 2002, tínhamos 11 jogadores na seleção pentacampeã que atuavam no Brasil. Na última Copa, o número caiu para míseros três nomes: Rogério Ceni, Ricardinho e Mineiro.

Hoje em dia não são apenas os grandes craques que vão embora para o exterior, como nos tempos de Zico, Sócrates, Júnior e Falcão nos anos 80. Se perdêssemos só Kakás, Robinhos, Ronaldinhos, não estaríamos tão mal — o inglês Beckham joga na Espanha, o alemão Ballack no inglês Chelsea e o português Cristiano Ronaldo no também inglês Manchester. Mas nossos clubes ficam mais enfraquecidos quando não conseguem segurar jogadores como Grafite, Jônatas, Corrêa, Tinga, Gil, Alecsandro, Wendell...

SECURA DE CRAQUES

No balanço das idas, vindas e revelações dos seis últimos Brasileiros, a certeza de que a qualidade caiu

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
QUEM SURGIU	**Kaká**, Kléberson, Gilberto Silva e Ricardo Oliveira	**Robinho**, Diego, Alex, Dagoberto, Carlos Alberto e Daniel Carvalho	**Nilmar**, Morais, Jadson, Jônatas, e Rodolfo	**Rafael Sóbis**, Rosinei e Rafinha	**Anderson**, Thiago (SP), Evandro e Arouca	**Lucas Leiva**, Soares, Cícero, Pedro Oldoni, Lenny e Denis
QUEM SAIU	**Juninho Pernambucano**, Rochemback, Marcelinho Paraíba e Geovanni	**Alex**, Gilberto Silva, Sorín, Edílson, Roger, Washington e Juninho Paulista	**Kaká**, Kléberson, Deivid, A. Polga, Rodrigo Fabri, Ricardo Oliveira, e Júlio Baptista	**Alex**, Vágner Love, Alex (Santos), Diego, Renato, Maicon, Rodolfo, Gomes e Luís Fabiano	**Robinho**, Anderson, Fernandinho, Rafinha, Fabiano Eller, Naldo, Magrão, Deivid e Léo	**Tevez**, Mascherano, Dodô, Ricardinho, Gil, Sóbis, Jônatas, Lugano, Bolívar, Tinga, R. Oliveira
QUEM VOLTOU	**Leonardo**, Edmundo, Roger, Fábio Júnior e Mazinho	**Athirson**, Lucas, e Luiz Alberto	**Edmundo**, Alex Alves, Felipe, Marcelinho Carioca, e Donizete	**Fernandão**, Ricardinho, Fabri, Washington, Deivid, Luizão, Sampaio, Zé Elias e Pet	**Carlos Alberto**, Pet, Nilmar, Aloísio, Marcelinho, Iarley, Gamarra, Geovanni, Kelly e Amoroso	**Zé Roberto**, Reinaldo, André Luiz, César, Gabriel, Magrão, Sávio, Amoroso e Pinga
BOLA DE OURO	**Alex Mineiro** (disputou com Kléberson)	**Kaká** (disputou com Robinho)	**Alex** (disputou com Marcelinho Carioca, Grafite, Diego e Luís Fabiano)	**Robinho** (disputou com Washington, Petkovic e Ricardinho)	**Tevez** (disputou com Petkovic, Juninho Paulista e Rafael Sóbis)	**Diego Cavalieri**, (disputa com Soares, Lucas, Fernandão e Wagner)

GABRIEL

ELE QUASE SEMPRE FOI RESERVA NO SÃO PAULO. BRILHOU NO FLU, APAGOU-SE NA EUROPA E CHEGA AO CRUZEIRO COM A EXPECTATIVA DE DAR UM PLUS AO TIME

A LÓGICA EXPORTADORA

A maioria dos clubes elege a legislação que extinguiu o passe como o grande vilão da história. Clama por mais poder para segurar seus talentos formados em casa. Curiosamente, os mais organizados do país, Internacional e São Paulo, encaram a questão de maneira diferente. "O São Paulo é um clube progressista. Achamos que o fim do passe foi um avanço, pois a legislação anterior protegia demais os clubes e prejudicava demais o atleta", afirma João Paulo de Jesus Lopes, diretor de futebol tricolor.

"Não reclamo, eu trabalho em cima da legislação vigente. Tinha um déficit mensal de 600 000 reais. Mas vou fechar o ano com 2 milhões de reais em caixa graças à venda de jogadores", diz o presidente colorado, Fernando Carvalho. "Tenho um jogador nas divisões de base, o Luiz Adriano, que vai estourar. E isso só vai ser possível porque vendemos o Rafael Sóbis, e agora ele terá espaço para aparecer. É a realidade do futebol hoje, uma grande rotatividade. E você tem que trabalhar em cima dela."

O que quase todos os cartolas concordam é que faltam mecanismos para proteger o clube formador de talentos. A legislação permite à equipe o direito de fazer o primeiro contrato de um atleta, a partir dos 16 anos, com três anos de duração. Pode-se estabelecer multa rescisória de até 100 vezes o valor dos salários anuais. A lei também prevê que o clube formador tenha prioridade na hora de renovar, mas simplesmente não estabelece como isso seria feito.

O colorado Carvalho parece ser o único cartola que apresenta uma solução concreta, baseada no modelo argentino. Na hora dessa primeira renovação, a "prioridade" a que se refere a lei poderia beneficiar de fato o clube formador da seguinte maneira: caso não haja acerto para renovar, quando o

atleta completar 19 anos, é obrigado a assinar por mais dois anos, com 25% de reajuste do salário que recebia antes.

O cartola conta uma história que ilustra bem a dificuldade dos clubes em segurar os jogadores que forma. Carvalho diz que um representante do Manchester United o procurou recentemente para dizer que ia tirar do Beira-Rio um garoto chamado Rodrigo Possebom, um dos 15 jogadores que o Inter tem hoje em seleções de base. O jogador, de 18 anos, ficaria livre aos 19. "O representante me disse que o Manchester iria levá-lo de qualquer jeito, e que a única maneira de eu ganhar algum dinheiro com o jogador que formamos era aceitar a proposta deles", diz. "A proposta era ele fazer um contrato de cinco anos com o Manchester, recebendo 6 000 euros por mês. Nos dois primeiros anos, ele jogaria no Inter. Depois iria para a Inglaterra, sem nenhum ganho para a gente, e aí receberíamos um dinheiro de acordo com a produtividade do garoto, ou seja: se ele fosse titular em dez jogos, ganharíamos uma quantia, caso contrário não ganharíamos nada", relata Carvalho. "Botei-o para correr da minha sala. Mas é com essa realidade que temos de viver hoje."

O Inter tem 250 garotos em competições das categorias de base. Desses, 100 já estão em idade de ser negociados. A idéia do clube para o futuro é vender cerca de oito atletas por ano, por valores médios, na casa de 700 000 reais, para poder segurar mais craques como Sóbis e Nilmar. E tentar adiar ao máximo a saída de talentos como Alexandre Pato, de 17 anos, da seleção sub-18, que já está na mira do Arsenal. É como se para fechar as contas do ano o Inter tivesse dois tipos de "loja". No "atacadão", jogadores são vendidos baratinho e, na boutique de luxo, um grande craque continuaria sendo negociado por ano.

Existe uma falácia hoje entre a cartolagem: não vale mais a pena formar jogadores. Mentira, como mostram os exemplos de São Paulo e Inter. O Tricolor gasta por ano 2 milhões de dólares com formação de jogadores. Nos últimos 11 anos, recebeu 110 milhões de dólares da venda de atletas — foi no mundo o maior exportador, seguido pelo River Plate. Ou seja: lucrou 88 milhões de dólares no período.

Clubes como Inter e São Paulo sabem que investir na base ainda é ótimo negócio. Até porque, depois que os jogadores formados em casa são negociados pelos clubes compradores, o formador também tem direito a percentuais da negociação (em geral, 5%).

"Não há dúvidas de que isso é um negócio lucrativo. Mas queríamos ter a chance de poder usar mais os talentos que formamos em casa", diz João Paulo. O último que saiu foi Denílson, para o Arsenal, por 6,5 milhões de dólares. Uma proposta irrecusável, ainda mais se o atleta não é solução imediata para o time principal, como no caso do São Paulo de Josué e Mineiro.

Essa nova realidade "ultraexportadora" do mercado da bola tem reflexo direto no campo. Nossos times ficaram sem craques também porque exportam seus "projetos de craques". Da arquibancada ou da poltrona em frente à TV, a paixão talvez impeça o torcedor comum de enxergar o empobrecimento do futebol como "espetáculo artístico". Jogadas de efeito, dribles desconcertantes, lances improváveis que só os grandes craques produzem são cada vez mais raros. A competitividade, o conjunto, o futebol como estratégia tática, por outro lado, aparece mais. Jogadores dedicados como Mineiro, Fernandão e Maldonado se tornam as principais figuras de seus times. E, quando chega um fora-de-série, ele vem com mais de 30 anos, já distante de seus melhores dias. Acostume-se, torcedor. Seus ídolos agora são outros.

SÁVIO
ELE VOLTOU PARA O MENGÃO QUE O REVELOU, MAS NÃO QUER COMPARAÇÕES COM O PASSADO

O HOMEM QUE (DES)EQUILIBRA

É Juan Figer quem desfalca e também reforça os principais clubes do Brasileirão POR **JOÃO CARLOS ASSUMPÇÃO**

Lugano e Edu Dracena no Fenerbahçe. Ricardinho no Besiktas. Zé Roberto no Santos. Magrão no Corinthians. Gabriel no Cruzeiro. O que têm em comum as principais transações envolvendo os clubes brasileiros na janela das transferências, que se encerrou em 31 de agosto? O dedo do onipresente empresário Juan Figer.

Radicado no Brasil desde 1968, o uruguaio cada vez mais manda e desmanda no mercado de jogadores e em alguns dos principais clubes do país. Tirando daqui, colocando dali, Figer reequilibrou as forças neste Campeonato Brasileiro.

A negociação de Zé Roberto, disputado unha a unha por Santos e São Paulo (dois dos clubes mais "simpáticos" a Figer), talvez seja o maior exemplo de como o empresário mexe as peças no emaranhado futebol brasileiro.

O Santos pediu primeiro. Já durante a Copa, Marcelo Teixeira dissera ao uruguaio que, se Zé Roberto não conseguisse clube na Europa, gostaria de tê-lo no Santos. Usou até apelos emocionais. Chegou a dizer que seria uma reparação pela confusa saída de Robinho para o Real, intermediada pelo próprio Figer.

Vanderlei Luxemburgo, que foi indicado pelo empresário para dirigir o Real no ano passado, também ligou para ele apelando pela contratação de Zé Roberto. Mas, a menos de 36 horas do fechamento da janela de transferências, o São Paulo entrou na jogada, por meio do presidente Juvenal Juvêncio, que tem com Figer uma parceria que garante o jovem atacante Thiago no Morumbi. O apelo foi emocional, assim como o do Santos. O São Paulo alegava que perdera Lugano e precisava de um reforço de peso. E que tem vínculos antigos com o empresário, cuja primeira negociação no país foi trazer Forlan, na década de 70.

Após nova reunião com a diretoria do Santos, até Pelé entrou na jogada. Telefonou para o escritório de Figer, com quem tem negócios fora do mundo do futebol, pedindo para o jogador defender o clube da Vila.

À noite, a menos de 24 horas do fechamento da janela, o uruguaio convenceu Zé Roberto a defender o Santos. E ficou de ajudar o São Paulo para o ano que vem — tenta com o Atlético-PR a liberação de Dagoberto para o Tricolor; ele também é pretendido pelo Peixe... Afinal, como o próprio Figer diz, na vida tudo é questão de relacionamento. E ele não quer ficar mal com ninguém.

Assim sendo, o Corinthians, que estava na zona de rebaixamento, também precisava de uma mão. Figer, então, repatriou o volante Magrão. Foi ele também quem indicou (depois de consultar o São Paulo) Amoroso para o dirigente corintiano, já que sabia que o jogador se encontrava insatisfeito no Milan.

Outros que procuraram Figer para melhorar o elenco foram os irmãos Perrella, do Cruzeiro. Estiveram pelo menos duas vezes no escritório do agente em São Paulo e conseguiram trazer de volta ao futebol brasileiro o lateral Gabriel.

Tanto para Dualib quanto para os irmãos Perrella, que se dão muito bem com Figer, as contratações foram um consolo pelas perdas de Ricardinho e Edu Dracena, respectivamente, já que ambos, por intermédio do uruguaio, foram negociados para o futebol turco, o novo objeto de desejo de Figer, especialmente depois que Zico assumiu o Fenerbahçe.

Figer também realizou outras transações na Europa, onde tem trânsito livre na Fifa, já que é muito amigo de Joseph Blatter, com quem chega a viajar para assistir a alguns dos principais jogos da Liga dos Campeões. Foi por seu intermédio que o brasileiro Júlio Baptista, ex-São Paulo, deixou o futebol espanhol e foi para o Arsenal. Também colocou Michael Ballack, que saiu do Bayern Munique, no Chelsea. No total, estima-se que os Figers (Juan trabalha com os filhos Marcel e André) tenham faturado cerca de 12 milhões de reais depois da Copa.

Ultimamente, Figer tem se aproximado dos empresários russos, que investem no futebol inglês, e a tendência é voltar suas atenções para a Inglaterra e o Leste Europeu. Tem conversado inclusive com Dunga, novo técnico da seleção, e Jorginho, seu auxiliar, para mostrar aos dois que o futebol europeu não se resume à Europa ocidental. Pela convocação dos primeiros amistosos da seleção, presume-se que a dupla não deixou de escutar o rei dos empresários...

CHEGA!

De violência. E de hipocrisia. Banir as torcidas organizadas não vai resolver o problema da insegurança nos estádios e ameaça esvaziar ainda mais o espetáculo do futebol, já ferido de morte com o êxodo de nossos craques

Para não confundir você, e marcar posição logo de cara: Placar é contra a cena ao lado, desfecho da surra que o Corinthians levou do River Plate no Pacaembu, em São Paulo, em maio passado. É contra a violência desproporcional de centenas de torcedores contra o grupo de dez PMs (os reforços chegaram em seguida), que segurou no peito a turba que ameaçava invadir o gramado sabe-se lá para quê. Mas é a favor do barulho que a fiel torcida corintiana, em muito turbinada por suas facções organizadas, promoveu durante o jogo, empurrando o time em direção ao gol.

Agora, uma provocação. O que os políticos envolvidos em denúncias de corrupção e os integrantes de uma torcida organizada que destrói um alambrado ou surra um adversário têm em comum? E mais: se tomarmos a dissolução e o banimento das organizadas como solução para o problema da insegurança e da violência nos estádios, como há 11 anos se tenta em São Paulo, não seria aceitável defendermos o fechamento do Congresso para acabar com a bandalha com o dinheiro público?

Se você bate bem, e se gosta de ir a campo torcer em paz, a resposta para a primeira pergunta é fácil: ninguém merece imunidade de qualquer tipo e todos devem responder pelos seus crimes. Para a segunda pergunta, o buraco é mais embaixo, mas não há dúvidas: a resposta é não. Fechar o Congresso ou banir as torcidas organizadas é um crime até maior do que o cometido pelos integrantes que mancham cada uma das instituições. "Quanto mais ➔

as torcidas organizadas forem empurradas para a ilegalidade, mais marginais e clandestinas elas serão. E mais integrantes com perfil semelhante vão atrair", defende Margarette Barreto, que chefia a Delegacia de Crimes Raciais e de Intolerância (Decradi), departamento da polícia civil paulista que hoje cuida do assunto "organizadas", entendendo que a briga entre torcidas é crime de intolerância, no caso, esportiva. Longe de acabar com a violência, o banimento das organizadas pode surtir o efeito contrário, como admitem os estudiosos do assunto e as lideranças das torcidas ouvidas por Placar. "Proibir o torcedor de entrar com a camisa é a coisa mais idiota", diz Daniel Avilar, diretor da Independente, a maior organizada do São Paulo *(leia entrevista na pág. 48)*. "Até porque não se proíbe a entrada da torcida. Só se proíbe a camisa."

Então, como desmobilizar e desmontar a lógica militar das torcidas organizadas *(veja na pág. ao lado)*, que se orgulham de bater no torcedor adversário e enfrentar a PM, mas manter seu espírito esportivo, que motiva e provoca seu time mesmo nas piores fases e faz o estádio vibrar mesmo nas noites de pequeno público? "A curto prazo, é muito difícil resolver o problema porque ele está inserido num contexto social muito mais amplo", diz o professsor Carlos Pimenta, autor do estudo *Torcidas Organizadas de Futebol. Identidade e Violência. Aspecto das Relações Sociais Contemporâneas.* Como o título do trabalho faz supor, a solução não é fácil. Mas é possível.

Pena de incentivo

Punições brandas demais não combatem a raiz do problema: a sensação de impunidade

Todo mundo viu ao vivo. E está no site Youtube para quem quiser rever. Mais de 200 torcedores — a maioria com camisa da torcida organizada Gaviões da Fiel — partiram para cima da linha de dez heróicos policiais militares. A porrada come solta, as cenas são assustadoras. Em menos de 20 minutos, os agressores cometeram ao menos três crimes previstos no Código Penal: vandalismo (pena de prisão de seis meses a três anos ou multa), desacato a autoridade (detenção de seis meses a dois anos ou multa) e lesão corporal (detenção de seis meses a dois anos ou multa). Saldo da batalha: 65 feridos leves atendidos ali mesmo, no Pacaembu, 11 torcedores e sete PMs encaminhados a hospitais, 70 000 reais de prejuízo...

E nenhum preso. O major Botelho, que comandou a ação no Pacaembu, argumenta que em casos como esse a função da Polícia Militar, representada nos estádios paulistas pelo Segundo Batalhão de Choque, é dispersar a multidão. "Não podemos ficar dando voz de prisão a meia dúzia de torcedores no meio de um tumulto como aquele", diz o major. "Não ajudaria em nada para acabar com a briga e controlar a situação." O correto seria que os torcedores que lideraram a agressão e o tumulto fossem identificados depois, por meio das imagens e do trabalho de investigação (foi aberto um inquérito policial), para responderem judicialmente pelos crimes. Mas, mesmo que fossem presos, o problema não terminaria aí.

Atualmente, na maioria dos casos em que os agressores são detidos e encaminhados à delegacia, eles acabam enquadrados em contravenções ou delitos leves, que não prevêem o "flagrante", instrumento jurídico que pode manter o acusado preso. Ainda seguindo o curso atual, na grande maioria das vezes em que o caso vai adiante na sobrecarregada Justiça comum, os agressores terminam punidos com o pagamento de uma cesta básica ou prestação de algum tipo de serviço comunitário. Uma pena tão leve que soa quase como um incentivo à reincidência. "Quero ver, quando o líder de torcida for responsabilizado pelos atos de seus sócios, se ele não será o primeiro a encampar o discurso de paz", afirma o major Botelho.

LÓGICA MILITAR

Para as torcidas organizadas, dia de jogo é dia de confronto. O planejamento pode começar até uma semana antes. Acompanhe o esquema para o "choque" Manés Futebol Clube x Sport Club Mentecaptos

A mobilização começa alguns dias antes do jogo, pelo Orkut. A direção da Organizada Manés Futebol Clube convoca seus integrantes para o "choque"

Na véspera, os Manés conferem o "arsenal" em suas sedes regionais: têm muitas pedras e barras de ferro, mas quase nenhuma bomba

No dia do jogo, um motoqueiro dos Manés faz campana na sede dos Mentecaptos. E passa um "rádio": quantos são, que "munição" carregam

Com a informação, os Manés começam a se organizar para montar um grupo de "boas-vindas" para receber os visitantes em seu estádio

O motoqueiro segue o ônibus da Legião dos Mentecaptos. Do meio do caminho, informa o trajeto e prevê em que região desembarcarão

Os Manés enviam seu grupo de "boas-vindas" para receber os Mentecaptos nas vizinhanças do estádio. E o pau come

FONTE: Decradi – Delegacia de Crimes Raciais e de Intolerância/São Paulo

Com o cerco se fechando em torno delas, as organizadas se vêem ameaçadas por sua própria violência. Mesmo reconhecendo a necessidade de mudança, por uma questão de sobrevivência, são reféns da imagem que construíram para si. "Se um sujeito chega à quadra e diz que a partir de agora eles não vão mais levar bombas aos jogos e que ninguém mais briga com a camisa da entidade, esse cara vai ser destituído na mesma hora", diz o major Botelho.

Daniel Avilar assumiu em 2002 a direção da Independente, do São Paulo, com o objetivo de combater a fama de ser a organizada mais violenta do Brasil. "Mas, a qualquer estado que a gente vá, tem uma organizada nos esperando para brigar, porque quem nos vencer passará a ser a mais temida", conta. Em abril deste ano, a torcida foi ao Rio assistir a um jogo contra o Vasco. "Quando chegamos, aconteceu o que esperávamos. A torcida do Vasco cercou o ônibus. Estávamos cheios de bombas e cada um tinha uma barra de ferro. Você acha que a gente ia esperar a polícia nos defender?", diz Avilar. "A única opção que a gente tinha era descer e encarar. Em pouco tempo, estava cheio de vascaíno no chão."

Hoje em dia é difícil saber se uma torcida organizada vai para outra cidade ver seu time jogar ou afirmar sua superioridade bélica. Placar assistiu a alguns vídeos que a polícia fez das torcidas, durante os jogos. Numa gravação da Independente, a galera canta que "é melhor sair da frente se não quiser morrer", liderada por um diretor da organizada. Ele é tratado por todos como o comandante de um grupo paramilitar. Para a delegada Margarette Barreto, do jeito que as organizadas funcionam, "nenhum líder aceitará fazer um pacto pela paz". "A gente procura, mas eles não aceitam discutir idéias como cadastrar os membros da organização e, principalmente, mexer com os líderes das sedes regionais, nos bairros. Estes costumam ser os mais violentos, mas ninguém os tira de lá", diz.

Mesmo com toda a complexidade do problema, há um ponto pacífico unindo os envolvidos na construção de uma solução eficaz para o problema: o banimento das organizadas dos estádios não surte efeito algum. "Dizem que a violência diminui, mas não é verdade", diz Valdir Henrique da Silva, presidente da Torcida Jovem santista. "Desde 1995, quando proibiram pela primeira vez, só aumentou. Quando alguém tem de levar um ferido para a emergência, os amigos tiram a camisa dele. Por isso, as estatísticas não são verdadeiras."

G B R

I D A J F N S

SÃO PAULO
"Violência vende camisa"

DANIEL AVILAR, DIRETOR DE TORCIDAS DA INDEPENDENTE

Quando as torcidas são banidas, vocês vendem menos camisas?
Não. Porque a torcida pode usá-las fora do estádio e em jogos em outros estados. No nosso caso, teve um efeito contrário: a proibição aumentou a venda de camisas. É meio triste, mas a Independente tinha – não sei se até hoje tem – a fama de ser a mais violenta. Então o cara lá no bairro dele vê as notícias no jornal de que a Independente bateu mais, matou etc. e vem aqui comprar camisa.
Se há um encontro de organizadas, a briga é fato consumado?
É uma pena, mas é. A gente não queria que fosse assim. A gente quer entrar, ver o jogo e ir embora. Mas qual é nossa opção? Ficar dentro do ônibus e não ver o jogo? Ir preparado é uma estratégia defensiva.
E não existe a esperança de que um dia vocês possam ir a outro estado para ver um jogo e voltar sem ter de se meter em confusão?
Existe uma alternativa, e é para isso que a gente está trabalhando agora.
Há punição para quem entra em confusão?
O pessoal que estava na diretoria até 2002 só queria saber de briga. A gente teve um confronto direto aqui na galeria contra essa chapa. A gente ganhou a eleição, mas não assumiu democraticamente. Porque eles disseram que a torcida estava "tomada". Aí foi na briga. Ficaram uns dez caras no chão e a gente disse: "Agora está retomada". Cerca de 100 pessoas foram expulsas.
E isso para assumir uma nova diretriz... Não é contraditório?
Em outra ocasião eles tentaram intimidar a gente, deram até tiro pra cima de nós em dia de jogo. Quer dizer, eram pessoas que incitavam as outras à violência. A gente expulsou todo mundo para passar por esse processo de reformulação.
Como lideranças, vocês se consideram responsáveis por conter a violência?
Claro. Podemos e temos de fazer alguma coisa. Eu já briguei muito. A gente quer mandar no que pode. A gente quer que quem brigue seja preso.

PALMEIRAS
"Bati mais do que apanhei"

JÂNIO CARVALHO, PRESIDENTE DA MANCHA ALVIVERDE

Você já perdeu algum amigo em briga de torcidas?
Já, em uma briga com a Gaviões.
E quando encontra alguém da torcida adversária, pinta um sentimento de vingança?
É muito complicado administrar o ódio por ter perdido um amigo, o ódio por não ter acontecido nada com quem matou alguém.
Na hora que você encontra a outra torcida, ela inteira vira o assassino?
Vira, até porque não foi só um cara que brigou da outra vez. Eram 300 corintianos. Se for na mão, tudo bem. O cara fica todo arrebentado, mas daqui a três semanas tá bom de novo. O problema é tiro.
Como professor de boxe tailandês, como anda seu saldo nas brigas?
Está bom... Bati mais do que apanhei. Mas há mais de três meses que não brigo.
E quais foram as maiores surras que já tomou?
Uma vez voltei de uma festa na Mancha mais tarde e no caminho encontrei uns 30 corintianos. Eles me mandaram tirar o agasalho. Eu falei que só tirava se eles tirassem também. No começo eu bati um pouco, mas depois só apanhei.
E apanhou muito, acabou internado no hospital?
Não, acabei levando só dois pontos. Também teve uma briga em que eu caí do trem e fiquei quase dois anos sem poder treinar.
Caiu ou foi jogado?
Eu estava brigando dentro do trem, a porta estava aberta e me jogaram. Quebrei duas pernas, braço, peito, tomei 52 pontos na cabeça. Quando me vi no chão, pensei que tivesse morrido.
Qual foi o maior tempo que você já ficou preso?
Quatro meses, por causa do problema do corintiano em 2004. *(Marcos Gabriel Cardoso Soares morreu dois dias depois de apanhar na saída de um jogo contra o Palmeiras. Jânio foi indiciado por incitar os companheiros à violência, preso e depois solto por falta de provas. Seus colegas Edmilson José da Silva, 28 anos, e Alessandro Almeida Borges Ferreira, 23, estão presos e ainda aguardam julgamento).*

O J C M A

CORINTHIANS

"É muita discriminação"

WILDNER ROCHA, O PULGUINHA, VICE-PRES. DA GAVIÕES

Quem são os culpados pela violência?
Acho que nem se discute direito a causa dos problemas e a culpa já é das organizadas. O Estado tem que ter uma interferência muito maior, que nós solicitamos hoje em dia. Federação e clubes também têm uma parcela muito grande, porque eles são parte do processo de organização do futebol. É muita discriminação.
Qual é o papel da organizada?
Nossa torcida não é só para bater bumbo. A gente está aqui para não deixar fazerem o que quiserem com o clube. Não temos a pretensão de ser a voz de 25 milhões de corintianos, mas conquistamos representatividade. Hoje, quando o clube vai mal, a torcida procura a Gaviões para protestar porque sabe que representamos um canal de participação na política do clube que o próprio clube não oferece.

G

SANTOS

"Temos uma função social"

EDUARDO ROMANINI, DIRETOR SOCIAL DA JOVEM

A torcida do Santos é a única que viaja para ver o time jogar em casa *(Romanini se refere ao fato de a maior parte de seus torcedores ser da capital)*. Graças à Jovem, sempre que o time joga na Baixada, saem de dois a seis ônibus para a Vila por 25 reais, ida e volta, para os sócios em dia, e 35 reais para não-sócios. Sai só um pouco mais barato do que pegar na rodoviária, mas compensa pelo conforto de ir direto para o estádio. Na sede em Aricanduva *(zona leste de São Paulo)*, a gente *(como a maioria das organizadas dos outros clubes)* ainda faz o possível para participar da vida da comunidade, organizando atividades como aulas de capoeira, xadrez, bateria e futebol. Todo mundo comparece e a gente sente que eles têm um respeito grande pelo que fazemos.

E R S M S V J

A saída para o problema da violência, como na bem-sucedida experiência inglesa *(veja no quadro ao lado)*, é responsabilizar criminalmente os baderneiros, implantar a tolerância zero com a reincidência e controlar o acesso ao estádio dos integrantes das organizadas — mas para isso será preciso o empenho do governo, como aconteceu na Inglaterra.

É nesse sentido que o Estatuto da Paz no Esporte vem sendo elaborado pelos ministérios do Esporte e da Justiça desde 2005. "Pedimos o agravamento dos delitos que estiverem relacionados com eventos esportivos", diz Marco Aurelio Klein, presidente da Comissão Paz no Esporte. "Isso tem que ser feito para que um juiz entenda que um crime de lesão corporal numa arquibancada não pode ser encarado da mesma forma que uma briga na padaria. A pena para isso não pode ser a de uma cesta básica, pelo ambiente e a dimensão do risco que representa a milhares de pessoas", afirma o promotor público paulista José Reinaldo Carneiro, que colabora com a comissão.

Segundo a proposta, defendida no relatório final do estatuto elaborado pelo Ministério do Esporte, as torcidas organizadas terão várias obrigações a cumprir para poder voltar a freqüentar os estádios e continuar gozando das benesses que recebem dos clubes. A começar pelo cadastramento dos sócios, que poderá ser usado pela polícia em trabalhos de investigação. Assim, num tumulto como o do jogo contra o River, envolvendo integrantes da Gaviões, seria muito mais fácil identificá-los e detê-los nos dias seguintes. A Polícia Civil está importando equipamentos da Itália que permitem registrar traços do rosto, timbre da voz e outras características. Por meio de um programa de computador, bastaria cruzar as imagens dos vândalos do Pacaembu com as do cadastro informatizado para levantar a ficha dos envolvidos.

Como o agravamento das penas envolve o Código Penal, ele terá de passar pelo crivo do Congresso, mas algumas outras medidas do documento deverão ser adotadas pela Federação Paulista já em 2007. Uma delas prevê que as torcidas organizadas passem a ocupar um espaço exclusivo para elas nos estádios, onde só entrará quem estiver devidamente registrado. Fora desse espaço, nenhum torcedor poderá entrar com roupas ou símbolos das torcidas. Isso poderá virar lei nacional caso o Estatuto da Paz no Esporte seja aprovado.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, 40 000 sócios de torcidas do Inter se deixaram cadastrar, com direito ao registro da impressão digital de todo mundo. Eles ocuparão o lugar destinado às organizadas, depois de passar por uma catraca especial para a leitura de seus dados. Em São Paulo, será obrigatório que as torcidas tenham estatutos prevendo que elas e seus diretores sejam responsabilizados civil e criminalmente em caso de problemas envolvendo seus sócios. Com medidas como essas, espera-se que o futebol brasileiro volte a jogar bonito também nas arquibancadas. ✪

T S

Ingleses têm fórmula eficaz

Fiscalização mantém arruaceiros reincidentes longe dos estádios

Dia 15 de abril de 1989, Nottingham Forest x Liverpool, semifinais da Copa da Inglaterra, em Sheffield. Jogo único, em campo neutro, Hillsborough, inaugurado em 1899. Os fãs dos Reds estavam empolgados com a chance de fazer a final contra o rival, Everton, que encarava o Norwich. Assim, mesmo sem ingresso, milhares se aglomeraram diante do estádio. Houve uma avalanche humana e os policiais abriram um portão. Com a hiperlotação, 95 morreram, a maioria esmagada na grade que separava a arquibancada do campo. Mas qual a relação entre o "Desastre de Hillsborough" e os hooligans? Os alambrados ultra-reforçados eram parte das providências tomadas pelas autoridades na tentativa de contê-los. Imaginavam que protegeriam árbitros e jogadores. Não fosse como uma grade de jaula, o cercado poderia ceder e muitos escapariam pelo gramado. A barreira "assassina" em torno do campo era uma das medidas sugeridas pelo Relatório Popplewell, que rotulava Hillsborough como um dos mais seguros estádios da Inglaterra. Após a tragédia de Sheffield, o lorde Peter Taylor comandou a elaboração do documento que levaria seu nome. Locais numerados e o fim dos alambrados foram algumas das 76 propostas levadas ao Parlamento. Mas os hooligans não foram extintos. Torcedores violentos ainda existem na Inglaterra, mas estão contidos, sob fiscalização, afastados dos estádios. Quanto a Liverpool x Nottingham Forest, os Reds venceram, 3 x 1, e, como sonhavam, na decisão bateram Everton, 3 x 2 em Wembley. Mas poucos se lembram disso. As imagens que permanecem na memória são os fãs do Liverpool esmagados nas grades anti-hooligans de Hillsborough.

OBINA MARAVILHA

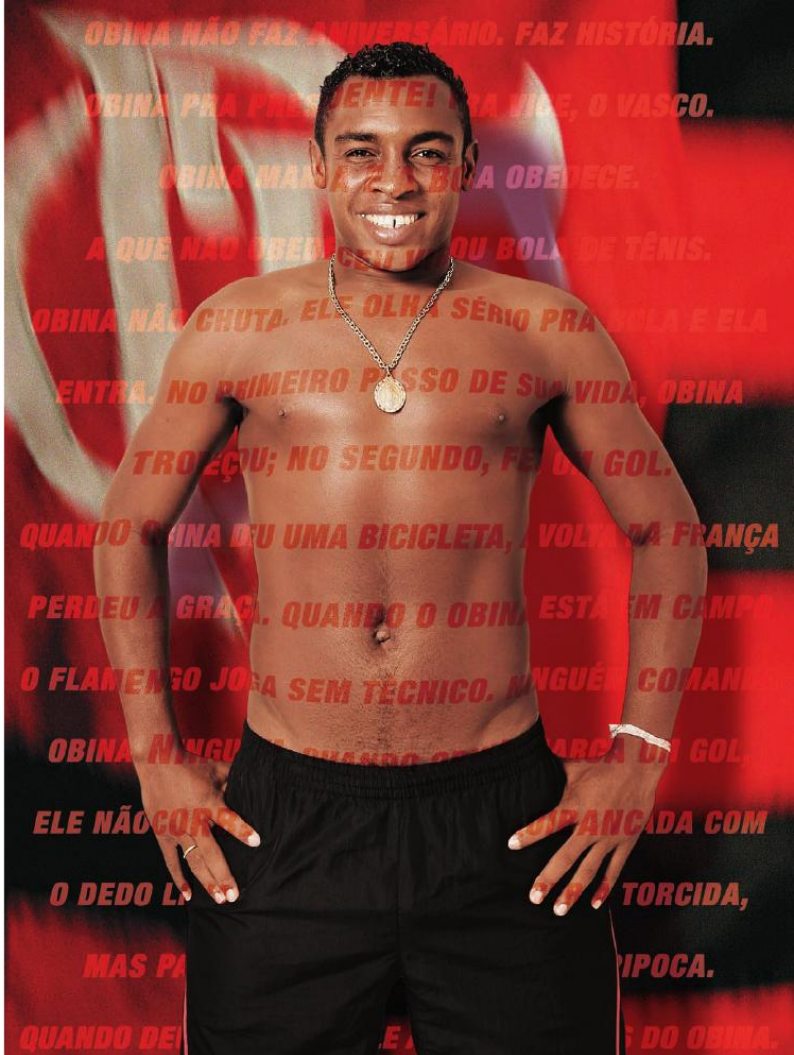
*Cheio de histórias, centroavante cai nas graças da torcida do **Mengão** e revive o mito de Fio*

Quando teve o segundo filho, dona Antonina decidiu que pararia por ali e começou a tomar pílulas anticoncepcionais. Pouco depois passou a se sentir muito cansada. Foi quando indicaram a ela um fortificante chamado Sadol. Passaram-se alguns meses e, apesar da pílula, dona Antonina, conhecida como Nega, descobriu que estava grávida do terceiro filho. Nasceu Manoel de Brito Filho, mais conhecido na infância como Sadol, uma brincadeira da mãe, alegando que a culpa foi do fortificante. Aos 18 anos, Sadol, que até então só tinha jogado pelada de várzea, fez um teste no Vitória e foi chamado para a equipe de juniores. O técnico Chiquinho de Assis, o mesmo que hoje treina Romário e Zinho no Miami F.C., disse que ele tinha cara e estilo parecidos com os de um jogador africano chamado Obina.

O rapaz, que nasceu Manoel e passou infância e adolescência como Sadol, virou Obina. E caiu na boca do povo e na malha da internet, onde dezenas de comunidades do site de relacionamentos Orkut — uma delas com mais de 8 000 membros — discutem, em tom de brincadeira, as qualidades e defeitos do atacante do Flamengo. Na rede, há ainda os Obina Facts, conjunto de frases engraçadas inventadas por torcedores — e que cresce a cada dia.

"O nome é esse, Obina Facts? Nem sabia que isso existia até duas semanas atrás, quando o Getúlio (*Getúlio Vargas, goleiro reserva do Flamengo*) me mandou um e-mail com essas frases. Achei que ele estava me zoando, que tinha inventado aquilo, mas ele explicou que não. Ri muito quando li. Acho legal ser prestigiado desse jeito, mas fico sem graça, nem sei o que dizer. Um menino de 13 anos até fez um funk pra mim, mas não sei cantar. A torcida do Flamengo é assim, nunca vi igual. Pode botar a gente lá embaixo e logo depois lá em cima", diz Obina, que diz não ficar ligado na internet. Geralmente, quem descobre as novidades é a mulher de Obina, Luciene. "Ela me mostra essas coisas todas, fico impressionado."

Obina saiu do rubro-negro baiano para o rubro-negro carioca em 2005, passando antes pelo Al-Ittihad, da Arábia Saudita, e pelo Fluminense de Feira de Santana. Logo que chegou ao Rio, foi bastante hostilizado pela torcida. Vaiado, xingado, criticado, Obina chegou a passar mais de dois meses sem marcar um gol no clube. Era chamado principalmente de gordo. Hoje, segundo os famosos *facts*, "Obina não é gordo. Ele tem fome de bola!"

Essa mudança de críticas e xingamentos para elogios bem-humorados começou no dia 20 de novembro do ano passado, quando ele entrou no segundo tempo da partida contra o Paraná,

na 40ª rodada do Brasileirão, e marcou, aos 47 minutos do segundo tempo, um gol que não só deu ao clube a vitória por 1 x 0 como também garantiu os pontos necessários à sua permanência na primeira divisão do Brasileiro. Obina virou amuleto e ganhou mais um *fact*: "Se Obina ainda não fez gol, o jogo ainda não acabou". Mesmo sendo reserva, transformou-se em xodó da torcida e motivo de oba-oba, ainda mais depois de, em 19 de julho deste ano, também entrar no segundo tempo de um jogo decisivo, o primeiro da final da Copa do Brasil contra o Vasco, e marcar um dos gols que levaram ao título. Afinal, como dizem os *facts*, "Deus perdoa! Obina, não!"

"Diziam que o Flamengo não era time para mim. Passeava com minha mãe ou minha mulher e me xingavam. Cheguei a pensar em largar o Flamengo, mas depois vi que minha família dependia de mim. E que também não podia sair assim, dando razão para quem achava que eu não servia", afirma ele.

FILHO DE PESCADOR

Nascido e criado na ilha de Itaparica, na Bahia, durante a adolescência Obina conta que ajudava o pai, o pescador Manoel, mais conhecido como Caneco, na pesca de peixes, mariscos e caranguejos. E, principalmente, ia com a mãe, dona Antonina, a Salvador vender os pescados na praia. Ninguém mais pesca na família de Obina. "Dei uma van para um dos meus irmãos, o Beijoca, e ajudo os outros como posso. Somos seis irmãos lá em casa, quase todos com apelidos. Dei também uma casa para os meus pais, lá na ilha, e comprei uma para mim. O sofrimento foi vivido junto, então as coisas boas nós também vamos passar juntos."

Obina, no entanto, não reclama dos tempos duros. Diz que teve a melhor infância que se pode ter, com banhos de mar, pipa, futebol, pega-pega e esconde-esconde. O que os pais puderam dar para ele, garante, foi mais que suficiente. "Mas o que eles não puderam, vou querer dar para a minha filha." Aos 23 anos, Obina será papai daqui a três meses. A filha, que vai se chamar Sayonara porque "Luciene adora esse nome", já domina todo o apartamento do jogador, onde se vêem uma poltroninha, um pufe e uma almofada cor-de-rosa, presentes ganhos por Obina. E que ninguém pense que, como diz mais um *fact*, "Deus é 10, Romário é 11, Black Label é 12 e de 18 pra cima o Obina pega todas". O atacante jura que é fiel a Luciene, com quem vive há quatro anos. Na porta de seu quarto, um quadrinho do Garfield abraça um coração onde está escrito "Obina e Luciene". Apesar disso, a moça é ciumenta. "Eu também tenho um ciumezinho besta por ela, para dar aquele sabor. Mas ela é demais, acha que as mulheres ficam em cima. Mas nem precisa, eu sou tranqüilo. E ela me completou."

A fase é tão boa que, além de estar prestes a ser papai e de ter virado objeto de culto folclórico na internet, Obina anda sendo aplaudido até quando é expulso. O jogador, quando não começa na equipe titular do Flamengo, tem seu nome gritado incessantemente durante os jogos, até o técnico ceder e colocá-lo em campo. No dia 19 de agosto, isso aconteceu aos 13 minutos da segunda etapa da partida contra o Grêmio pelo Brasileiro. Aos 31 minutos, deu um carrinho em um adversário e levou o cartão amarelo. Logo depois, aos 36, tentou cavar um pênalti e levou o vermelho. Obina passou 23 minutos em campo e saiu ovacionado. "Nunca vi um negócio desses, me aplaudiram quando fui expulso... Acho que a torcida gosta de mim pela raça, porque vou em tudo, dou carrinho..." Então é verdade o *fact* que diz que "se Obina fosse francês, Materazzi não estaria vivo", em referência ao italiano que ganhou uma cabeçada de Zidane na final da Copa deste ano? "Não, eu dou carrinho, mas graças a Deus nunca machuquei ninguém! Não é isso que eu quero!"

E o que Obina quer? "Queria ser jogador de futebol, meu sonho era esse, e já consegui. Mas é uma profissão ingrata. Antes podia andar à vontade, minha mãe vivia pedindo para os outros me chamarem na rua, me mandando ir para casa. Agora não precisa mais, estou sempre em casa. O futebol me prendeu. Todo mundo me conhece, fala, aponta, fico sem graça", diz. Quem mandou virar xodó?

Agora, além de fazer sucesso, o atacante tem ainda que aturar comparações com gente que nem viu jogar. Muitos torcedores mais antigos, quando falam em Obina, se lembram do folclórico Fio Maravilha, que jogou no Flamengo nos anos 60 e no início dos 70. E, nessa hora, até ele brinca: "Olha, do Fio, só vi foto. Eu posso até ser feio, mas sou mais bonito que ele!" A torcida certamente concorda. Afinal, encerrando com mais um *fact*: "Se Zico é rei e Sávio é príncipe, Obina é 'Meu Rei'". ✪

OS "OBINA *FACTS*"

Frases que a torcida do Mengão espalha pela internet:

Tolerância ZERO

Atlético Mineiro encontra o caminho da Série A espantando os "aventureiros" e dando prêmio por produtividade

F
M

E o Galo, enfim, embalou. Depois de um início decepcionante na Série B, reflexo de uma política de contratações equivocadas, o Atlético Mineiro parece ter encontrado o caminho para voltar à primeira divisão do Brasileiro. A receita para a reviravolta envolve alguns ingredientes inovadores. "O Galo mudou a política de contratações", diz o diretor de futebol, Luiz Otávio Valadares, o Ziza. "Mudou" talvez pareça exagero. O clube seguiu contratando a rodo. No fim de agosto, o 33º reforço desembarcou no clube: o zagueiro Douglas (ex-Palmeiras). Mas o Galo inovou na confecção dos contratos. O novo modelo prevê a redução do tempo de duração dos compromissos para três meses, com uma possibilidade de renovação imediata. Algo semelhante aos contratos de experiência que existem em qualquer empresa. Outra novidade é a retribuição por metas. Se um jogador conseguir ser titular em cinco partidas consecutivas, ele ganha uma bonificação.

A vantagem, segundo os dirigentes, é que só fica quem o clube quiser e quem mostrar algum futebol. Da "barca", 16 já deixaram o Galo, mas quem permaneceu foi reconhecido. Ou virou titular ou teve o contrato esticado com algum aumento. E há quem chegou e mostrou logo serviço, como o atacante Roni. Contratado em junho, usou a parada para a Copa da Alemanha para recuperar a forma física e o pé direito fraturado. Entrou em campo, marcou gols e já se tornou um dos xodós da torcida. A empatia com o Galo foi tanta que Roni recusou um contrato para retornar ao mesmo clube que, até 2004, defendeu na Rússia (o Rubin Kazan). Uma proposta para engordar em 500 000 dólares sua conta até o fim do ano. O clube russo estaria disposto a pagar ainda multa de 200 000 dólares ao Atlético pela quebra de contrato. Tentação para um jogador que completou 30 anos e que vê a aposentadoria se aproximar. "Minha família está muito bem adaptada a Belo Horizonte. Isso pesou na decisão. Há coisas que o dinheiro não compra..."

A G 5 B

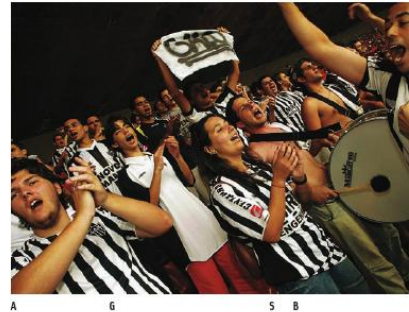
MÊS AGORA TEM 30 DIAS

Como há muito não acontecia no clube, os jogadores estão recebendo em dia. "Quando cheguei ao Atlético, a folha de pagamento dos jogadores estava em atraso havia três meses, e a dos funcionários, havia quatro. Hoje, está tudo em dia", diz Ziza Valadares. "No ano passado, recebi um outro convite do Galo e o recusei porque os amigos que jogavam no clube diziam que o pagamento era um caos", afirma Roni.

No ano passado, com o inchaço provocado pelos medalhões, o Galo tinha uma folha de pagamento de 1,2 milhão de reais. Mais comedido, este ano a folha caiu para menos de 500 000 reais. O que torna a conta ainda menor é o aproveitamento dos juniores recém-promovidos.

A torcida é um caso parte. De acordo com as estatísticas da CBF, o Galo proporcionou as cinco melhores arrecadações da Série B e lidera o item público. Em plena sexta-feira à noite, contra o Coritiba, o time levou ao Mineirão 26 302 torcedores. Antes disso, 30 909 atleticanos já haviam presenciado a vitória do Atlético sobre o Ceará por 3 x 0. "Vivo um momento mágico. Nunca tinha visto uma torcida tão vibrante e apaixonada em nenhuma parte do mundo. A torcida empurra o time o tempo inteiro, até mesmo quando está atrás no placar", diz Roni, que teve seu nome gritado depois de ter desperdiçado um pênalti contra o Marília, no jogo que abriu o returno. "Quero entrar para a história do clube. Nem imagino a festa que essa torcida sofredora possa fazer. Eu quero estar aqui para ver", afirma.

Com o empurrão da torcida, o Galo tem feito sua parte em casa. Até a abertura do returno, detinha 80% dos pontos conquistados no Mineirão, com a participação decisiva de seus atacantes. Marinho, que liderou por várias rodadas a tabela de artilheiros da Série B, contundiu-se. Em seu lugar entrou Galvão, que também fez gols até deixar o campo também lesionado. Com a saída de Galvão, os gols de Roni começaram a aparecer. Ou seja, no período das contusões seguidas dos atacantes, a máquina de gols não emperrou.

Se tudo isso não bastasse, o Galo ainda conta com a experiência do comandante Levir Culpi, em sua terceira passagem pelo clube. Escaldado, Levir conseguiu reerguer o Botafogo, vice-campeão da Série B de 2003, e quer repetir a façanha no outro alvinegro. Jogadas ensaiadas e um time mais pegador são algumas das características implantadas pelo treinador. O poleiro atleticano pode ser incendiado e virar cinza no meio do caminho, mas todos os sinais indicam que o Galo vai mesmo bicar uma das quatro vagas de acesso à elite. ✪

O QUE MUDOU NO GALO

- R
- F
- F
- G

Z *(no alto)*
R *(acima)*
L C

Loirinho, roqueiro e de “sangue azul”. Esse poderia ser o perfil de um playboy. Não é. **Lucas** é o novo deus da raça do Olímpico. Pena que está partindo...

Príncipe valente

O mais novo ídolo do Grêmio faz parte de uma nova geração de jogadores forjada para ser atleta profissional, para ter no esporte uma carreira sólida, vitoriosa e lucrativa. Desde criança, Lucas foi matriculado em escolinhas. Ao contrário de Gustavo Kuerten, o volante gremista trocou a raquete pela bola. Largou o tênis e, depois, o futsal, em Dourados (MS), pelo futebol de campo. Afinal, estava no sangue. Já havia um craque na família. Lucas é sobrinho de João Leiva Campos Filho, o Leivinha, ídolo do Palmeiras nos anos 70.

Com 13 anos, Lucas se mudou para morar sozinho em Águas de Lindóia, no interior paulista. Foi atrás do sonho de ser jogador de futebol. Atuou pelo Oscar Futebol Clube, time do ex-zagueiro do São Paulo nos anos 80. Um ano mais tarde, voltou para casa e anunciou ao seu pai, Jackson Leiva, que estava abandonando a precoce carreira. Cansara de chegar às fases decisivas dos campeonatos estaduais e perder para Santos, São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Juventus.

Três meses depois, foi convidado para disputar o Brasileiro da categoria infantil, pela Portuguesa de Londrina. Com um bom desempenho, já como segundo volante, Lucas despertou o interesse do PSTC, também de Londrina — clube que revelou entre outros o pentacampeão Kléberson e o atacante Dagoberto. Depois de uma semana no PSTC, Lucas telefonou para o pai e pediu para retornar ao clube de Oscar. Não havia se adaptado ao interior paranaense. De volta a Águas de Lindóia, ele disputou mais um Paulistão.

Nas férias de verão de 2003, o volante retornou para a sua Dourados. Com saudades de bater uma bolinha, ele foi convidado para reforçar o Sete de Setembro, equipe local, na qual Lucas começou a jogar futebol. O Sete faria um amistoso contra os juvenis do Grêmio. Com atuação destacada na derrota de 2 x 1 para o Tricolor, Lucas foi convidado para embarcar a Porto Alegre — isso apesar da expulsão no final, por uma briga com um zagueiro gremista. “O Lucas ainda não torcia por nenhum clube. Mesmo já tendo uma proposta para jogar no São Paulo, ele optou pelo Grêmio. Foi uma espécie de amor à primeira vista”, diz Jackson, o pai.

De Leivinha, o tio famoso, o volante de 19 anos recebe sempre o mesmo toque: “Tenha os pés no chão, garoto, a carreira está apenas começando”. A dica de Leivinha parece ter sido seguida à risca pelo sobrinho. Após assinar seu primeiro contrato com o Grêmio, Lucas, então com 16 anos, surpreendeu até mesmo seus mais cuidadosos conselheiros. Pegou o dinheiro das luvas e, em vez de investir em um carrão, roupas da moda ou jóias, comprou um apartamento em Dourados e algumas dezenas de cabeças de gado nelore e brangus. Mandou os animais para engorda, na fazenda da família, em Bela Vista, Mato Grosso do Sul. “A fazenda é herança da família da minha mãe. Meus avós saíram do Rio Grande do Sul e se mudaram para o Mato Grosso a fim de plantar e criar gado de corte. Por isso entendo um pouco do assunto.”

Graças ao sobrenome da mãe, Pezzini, Lucas trata de obter a cidadania italiana, o que facilitará as coisas em uma futura transferência para a Europa no fim do ano. Assim como Leivinha, nos anos 70, ele defenderá o Atlético de Madri, que ofereceu 7 milhões de euros ao Grêmio. Como o time precisa vender pelos menos um jogador por ano... Dessa bolada, Lucas ficaria com 20%, cerca de 4 milhões de reais.

Fora de campo, Lucas parece um garoto comum. Bem longe do estereótipo do boleirão, ele mantém os cabelos loiros cuidadosamente desalinhados, curte o rock do havaiano Jack Johnson, gosta ir às praias de Santa Catarina e namora uma psicóloga, Ariana, de 24 anos, com quem divide um apartamento em Porto Alegre junto com os cães Fred e Brown.

CLÁSSICO C

GLÓRIA G B R **LEIVINHA** T

Além disso, concluiu os estudos do Ensino Médio e até passou na faculdade de educação física, mas largou. “Não consegui conciliar estudo e bola. Mas não estava gostando mesmo. Prefiro fazer vestibular para administração”, diz. “Um garoto como esse não necessita de conselhos. Ele ainda está no começo da vida profissional, mas, se continuar assim, ser titular da seleção brasileira é o caminho natural”, diz o tio Leivinha. O técnico Mano Menezes também é todo elogios. “Ele tem consciência das responsabilidades de um profissional. Sabe muito bem que precisa trabalhar bastante, cuidar da cabeça, do corpo, e se preparar bem para vencer na vida. Lucas nasceu para ser um atleta profissional.”

Forjado nas agruras da Série B, Lucas ajudou o Grêmio a retornar à primeira divisão. Como não poderia deixar de ser, o principal jogo da sua carreira foi a épica partida no Estádio dos Aflitos, quando o Tricolor, mesmo com quatro jogadores a menos, bateu o Náutico por 1 x 0 e conquistou o título da segunda divisão. Grêmio x Náutico virou o DVD *Inacreditável*, filme que conta detalhadamente a angustiante partida.

“Ganhamos o DVD. Assisti ao filme apenas uma vez. Tive calafrios. Tentei ver de novo, mas não tive coragem. Aquele jogo foi tão maluco que pode ser que o resultado mude se eu assistir outra vez”, brinca Lucas, hoje na parte de cima da tabela — e da primeira divisão. ✪

A menor TORCIDA do Brasil

Na cidade paulista de Itu, tudo é grande. Menos a torcida do Ituano

Segundo turno da Série B. Ituano e América de Natal empatam em 0 x 0 aos 40 minutos do segundo tempo, em Itu. O time do Nordeste segura o placar com dois homens a menos. O locutor do estádio anuncia nos falantes: "Tivemos uma renda de 1 853 reais e um total de 8 453 reais de despesas. O prejuízo foi de 6 600 reais hoje. Público: 162 pessoas". Foi ele terminar de falar para o time visitante fazer o gol da vitória, em cobrança de falta. O Ituano conseguia a proeza de continuar sem vencer nenhuma partida dentro de casa na competição!

Jogar em casa, para eles, não é bem uma vantagem... O clube, que começou bem a competição e foi caindo gradativamente até virar um dos candidatos ao rebaixamento, tem média de público inferior a 290 pessoas por jogo. Disparado, é a pior da Série B. E ainda tem de agradecer aos visitantes por alguns ingressos pagos. Na partida que fechou o primeiro turno, contra o Náutico, havia 282 pessoas. A maioria era de torcedores do time pernambucano.

O estádio Novelli Júnior, com capacidade para 18 000 pessoas, é aconchegante, mas vive às moscas. Itu é uma cidade próspera do interior paulista, com 150 000 habitantes, a 92 quilômetros da capital. Orelhões, sinais e outros ornamentos gigantes são atrações turísticas. Lá, tudo é grande. Menos a torcida do Ituano... E seria mentira dizer que essa é uma cidade que não gosta de futebol. Um jogo de "várzea" entre Mecânica Boni e Itaperinha, disputado a menos de 2 quilômetros de distância do Novelli Júnior, atrai até 2 000 pessoas. A entrada é grátis. Nos jogos do Ituano, pagam-se 15 reais. Só quem é da torcida organizada Galoucura, a única do clube, entra de graça. Havia 16 membros da agremiação pulando na arquibancada no jogo contra o América.

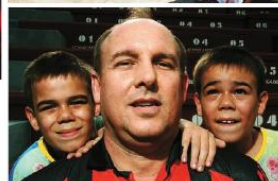
"A torcida do Ituano sempre foi devagar. Por isso que colocamos o Che Guevara de símbolo. Ele foi um revolucionário e nosso objetivo é revolucionar a torcida", diz o presidente Fábio Luís da Silva, de 27 anos, que trabalha como designer em um jornal da cidade. Ele chega com a solitária faixa "És um Gigante Guerreiro", que se estende na arquibancada às moscas.

Os 16 da Galoucura são os únicos que cantam sem parar (os outros curtem sossegados a bela tarde em família, tomando sorvetes caseiros a 50 centavos). A Galoucura é uma caricatura das grandes organizadas. A "sede", porém, é um carrinho que serve lanches.

"Pena que você *[repórter]* veio num dia ruim. Quando a gente pega o Santo André, a rivalidade é muito grande e vem um monte de gente das organizadas do São Caetano *[maior rival do Santo André]* torcer com a gente", diz o fanático André Lobui, 23 anos. Muita gente da torcida do Azulão, como assim?! "Bom, se o jogo for no meio da semana, vem uma van. Se for no domingo, quase lotam um ônibus."

O Ituano, que pertence ao empresário Oliveira Júnior (também vice-prefeito da cidade), está longe de ser uma das piores equipes do estado. Foi décimo colocado na Série B ano passado, terminou o Paulista em nono lugar, negociou o atacante Rômulo com o Grêmio, foi campeão paulista em 2002 (os grandes não participaram) e venceu a Série C em 2003.

NO SÁBADO...

NO DOMINGO...

HEREDITÁRIO

SEMPRE ELES

"A cidade nunca abraçou o clube. Quando um time de capital vem jogar aqui, tem 9 000 torcendo para esse time e 200 para o Ituano", diz o rubro-negro Júlio Volponi, 48 anos, engenheiro mecânico e Galo de coração. Ele tenta catequizar os filhos gêmeos Lucas e Mateus. Na arquibancada vazia, pede que eles digam ao repórter qual é o time de coração deles. "O Palmeiras, ué", diz Lucas, para o desespero do pai.

Podem-se arranjar mil e uma justificativas, como a de que dirigentes vivem em guerra e usam o Galo como trampolim eleitoral, ou que o Ituano virou apenas um negócio de empresários. Mas a verdade é que o cidadão de Itu, tão fanático por futebol, simplesmente não gosta de seu clube, que tem 59 anos de arquibancadas vazias. ✪

Ele veste a CAMISA

Cuca reergue o Botafogo vivendo o clube "24 horas por dia"

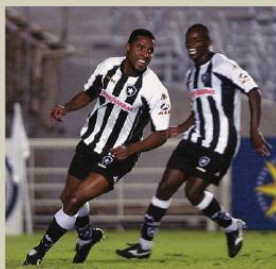
A primeira terça-feira de setembro foi gelada no Rio de Janeiro. Os cariocas saíram às ruas para trabalhar totalmente empacotados. Praias vazias. Bares às moscas. Só parecia haver um lugar aquecido naquele início de semana. Na sede do Botafogo, em General Severiano, o tempo estava aberto. Após quatro vitórias seguidas no Campeonato Brasileiro, adornadas por duas goleadas sobre Paraná e Atlético-PR, sócios, funcionários e alguns torcedores deixaram casacos no armário. Orgulhosos, foram ao clube com a camisa alvinegra. E, pelos elogios, ficava claro quem mais os esquentava naqueles dias frios. "Grande Mestre Cuca!" "Esse é o Cuca legal." "É o Cuca que deixou as nossas cucas frescas." Essas eram as piadinhas. Após passar a segunda-feira em São Paulo, participando de programas de televisão, Cuca chegou para o treinamento e passou por esse corredor polonês de elogios. Desde o fim de maio no Botafogo, o curitibano Alex Stival, de 43 anos, finalmente vivia dias de paz. Momentos de reconhecimento. Conquistou a confiança dos jogadores, ganhou o respeito dos dirigentes e domou os torcedores. "Tudo isso passa. Não posso me iludir com esses tapinhas nas costas. Conheço futebol, amigo. Não caio nessa", diz Cuca, com seu jeito Felipão de ser.

Porém, mais do que essa vitória pessoal, o "Projeto Estrela Solitária" foi "comprado" pelo treinador. Polêmico, de pavio curto, ele ignorou uma proposta do São Caetano antes da seqüência de vitórias. Era mais dinheiro e a promessa de salário em dia. Cuca não topou. Decidiu ficar em General Severiano. Até dezembro, ele tem uma

C E

missão. E, se depender dele, será cumprida. "Eu vesti a camisa do Botafogo. Gostei de trabalhar aqui. Gostei do clube. E quero ajudar nesse processo de reerguimento. Tem muito clube aí em condições piores que as do Botafogo. E eu tenho orgulho de estar aqui e do trabalho que tenho realizado", afirma, sentado na grama sintética do campo de treinamentos.

Esposa e filhas ficaram em Curitiba. Cuca e seu irmão Cuquinha, o auxiliar-técnico, parecem viver o Botafogo 24 horas por dia. Inquieto, jamais satisfeito, ele não se segura. Mete o bedelho em tudo. Conversa com os médicos sobre jogadores lesionados. Analisa questões financeiras com a diretoria. Indica reforços. E até corre atrás deles. Ele mesmo ligou para Abel Braga e Muricy Ramalho antes do fim da Libertadores para tentar reforços de São Paulo e Internacional. O desmanche do time gaúcho não deixou que ele tivesse sucesso. Muricy, que antes já liberara o volante Alê, topou ceder o atacante Lima, ex-Coritiba, Atlético-PR e Cruzeiro. O reserva do reserva do São Paulo caiu como uma luva no Botafogo. Fez quatro gols em dois jogos, entrosou-se com Reinaldo e Zé Roberto e virou ídolo de uma torcida carente. Símbolo, junto com Cuca, de um Botafogo vitorioso. "A melhor coisa que fiz foi vir para cá. O Cuca fez com que eu me sentisse em casa. Ele cuida de tudo. Não ficamos sozinhos", diz Lima. "Essa fase tem o dedo de Deus. Estamos abençoados. Por isso eu vesti a camisa do Botafogo. Este clube tem uma energia diferente", afirma Cuca.

Tudo é na conta do chá no Botafogo. Cuca tem que administrar um time certinho, mas que, quando perde uma peça, sofre mais que a maioria. Naquela terça-feira, ele perdeu Zé Roberto, lesionado, por 21 dias. E, após convencer o lateral-direito Neto a deixar o Santos e vir para o Botafogo, ele sofreu a decepção de vê-lo, por conselho do empresário, assinar com o Fluminense. Nessas horas, Cuca mostra a faceta inconformada. Guerreira. E sem medo de divididas. As mesmas que o revelaram como bom atacante do Grêmio nos anos 80 e que manteve como marca na versão treinador. "Eu liguei para aquele empresário e avisei: você me traiu. E nunca mais você põe um jogador seu num time em que eu trabalhar."

F A Z R C

O R B C

Assim é Cuca: pavio curtíssimo. No Flamengo, perdeu o emprego após comprar uma briga com o ex-vice-presidente de futebol, Gerson Biscotto, por causa do atacante Jefferson Feijão, que acabou trazendo para o Botafogo. Cuca convenceu os dirigentes rubro-negros a contratá-lo. No dia da chegada de Feijão, pediu para que algum carro fosse buscar o jogador no aeroporto. Nada aconteceu. O técnico então telefonou para Biscotto, que desconversou. Ligou de novo e outra desculpa foi passada. Na terceira, Cuca sentiu que o clube desistira do negócio e que seus cartolas não tinham coragem de avisá-lo. Aí, detonou. "Se fosse jogador do Uram *[Eduardo Uram, empresário com mais de 20 jogadores no Flamengo]*, vocês já teriam mandado pegar há muito tempo." Foi demitido. "Esse é o meu jeito. Não me contento em arrumar a casa só dentro de campo. Quero ajudar em tudo. Não posso ficar vendo as coisas erradas e lavar as mãos. Há muita coisa para melhorar no Botafogo. Aqui o solo é fértil, mas para dar frutos é preciso plantar", diz.

"O Cuca ganhou o grupo. Nunca vi todo mundo aqui confiar tanto num treinador", afirma o lateral-direito Ruy, que já teve alguns arranhões com o treinador, mas assim mesmo o respeita.

"Eu brigo aqui dia sim, dia não. E também ouço muito. O importante é as coisas não saírem daqui", diz o técnico.

Cuca escala, indica, cobra, liga, chuta o balde. Cuca elogia. Cuca põe os jogadores para trabalhar em todas as manhãs. O Botafogo do Campeonato Brasileiro tem a cara de Cuca. E Cuca respira o Botafogo. Não sabe se fica após a competição. Mas planeja ter o time-base e a lista de dispensas até o início de dezembro. E quer indicar reforços até essa data. Isso não é garantia de que ele ficará. "O importante disso tudo é que hoje, no Botafogo, as coisas andam sozinhas. Nada depende de mim. A máquina funciona por si só."

Mas quem disse que essa realidade acalma Cuca? Ele cobra que as obras do Caio Martins fiquem logo prontas ("Aquele estádio seria um alçapão perfeito"). Fica em cima da questão dos salários, mas absolve os dirigentes. "O Botafogo tem uma vantagem. Às vezes, atrasa um, dois, até três meses de salários. Mas há momentos em que paga três de uma vez só e permite que o jogador até faça uma poupança. Isso deve ser levado em conta", afirma.

O Botafogo engrenou graças, principalmente, a esse jeito inconformado de Alex Stival. Cuca chegou, viu, comprou o "Projeto Estrela Solitária" e vestiu a camisa. Virou ídolo e tábua de salvação de uma geração carente. Agradece e admite o orgulho. Só que... "Tudo é muito bonito. Mas para ficar feio bastam dois tropeços." Uma constatação mais que racional. Assim sendo, cuca fresca, só na boca do extasiado torcedor alvinegro. ✪

A parceria NA UTI

Sem títulos e com o time em queda livre, a Unimed já estuda o **fim do casamento** que recolocou o Fluminense entre os grandes do país

Dias depois de se eleger presidente do Fluminense, no fim de 2004, o cardiologista Roberto Horcades confessou a amigos: "Não consigo imaginar o Fluminense sem o nome da Unimed na camisa. Acho que nenhum tricolor consegue". Recém-saído de uma campanha que o levou à vitória nas urnas, o dirigente já dava o pontapé inicial em outra, para renovar o contrato com a patrocinadora, que terminaria ao fim de seu primeiro ano de mandato. O afago no ego de Celso Barros, presidente da empresa, que há sete anos iniciou um namoro com o clube e o transformou em casamento, foi um tiro certeiro. Em janeiro, o compromisso foi prorrogado até 2009, garantindo a "governabilidade" de Horcades com caixa cheio no departamento de futebol.

Hoje, o investimento anual da Unimed no futebol tricolor é de aproximadamente 14 milhões de reais, média de 1,16 milhão por mês, o segundo maior patrocínio de futebol no país, inferior apenas ao compromisso entre Flamengo e Petrobras, que prevê um aporte mensal de 1,2 milhão de reais. A empresa não tem participação nas receitas do clube, como televisão e bilheteria de jogos. O papel dela é reforçar a equipe. Ela paga o direito de imagem dos jogadores que contrata — a maior fatia do bolo. Hoje, são 12 (por sinal, os que recebem sempre em dia...). O Fluminense arca com o salário da carteira de trabalho. Mas há exceções. Alguns garotos formados em Xerém tiveram os contratos refeitos, com aumento salarial e da multa rescisória, com a ajuda da Unimed. Em janeiro, ela também deu uma mãozinha para que o clube quitasse uma dívida de 4,95 milhões de reais com a companhia Docas, que entrou na Justiça por um acordo antigo reivindicando o direito de estampar na camisa tricolor o nome de uma academia num espaço que, por contrato, é de uso exclusivo da patrocinadora. Aconselhados por Celso Barros, os dirigentes pegaram um empréstimo de 4,5 milhões de reais e a Unimed entrou com 450 000 de reais para quitar a dívida.

AS TAÇAS QUE NÃO VIERAM Mas, como toda relação, essa também está sujeita a crises, e seu futuro à ditadura dos resultados. "É claro que eles são importantes, mas vamos esperar o fim da temporada para tomar uma atitude", diz Celso Barros. "Do ponto de vista dos resultados, 2005 foi ruim. Este ano, também não estão acontecendo", diz.

DINHEIRO NÃO É TUDO Petkovic, o maior salário do Flu: sem títulos importantes, torcida se revolta com o time

OÁSIS CARIOCA Jogadores do time atual e as duas estrelas de 2004, Romário e Edmundo: sem a Unimed, os craques sumiriam das Laranjeiras

Essa não é a primeira vez que o mecenas tricolor insinua a possibilidade de divórcio. Campeão estadual em 2005, o Fluminense tinha tudo para terminar o ano estourando champanhe. Fazia boa campanha no Brasileiro sob o comando de Abel Braga mas, nas últimas rodadas, viu a vaga na Libertadores escapar com uma derrota no Parque Antártica para o Palmeiras, que poucas rodadas antes estava a 10 pontos do tricolor. Após o fiasco no Estadual de 2006 e a eliminação nas semifinais da Copa do Brasil, o único resultado que pode ser considerado bom, nas Laranjeiras, será terminar o ano com uma vaga na Libertadores. "O Celso investe muito dinheiro, é natural que queira o retorno dele", diz o vice-presidente de futebol Tote Menezes. "Mas ele é um apaixonado, tudo depende do humor. Se voltarmos a ganhar, fica tudo bem."

Diferentemente da MSI, o grupo de investimento que comprou o futebol do Corinthians por dez anos, ou de parcerias como a Palmeiras/Parmalat e Cruzeiro/Hicks-Muse, pelas quais as empresas tinham participação direta na administração dos clubes, a Unimed é o que se pode chamar de uma patrocinadora de luxo. Em fins de 1998, começou a expor seu nome na camisa em alguns jogos. Em vez de esfriar a relação, a queda tricolor para a terceira divisão do Brasileiro a tornou ainda mais intensa. Com a visibilidade da marca na mídia garantida — a TV a cabo comprou os direitos de transmissão dos jogos da equipe na Série C —, o namoro entre Fluminense e Unimed amadureceu. A virada de mesa, que livrou o time de disputar a Segundona, em 2000, foi um lucro que, a princípio, não estava nos planos. Na Copa João Havelange, o time não foi bem, mas as ótimas participações nos Brasileiros de 2001 (5º) e 2002 (4º) deram novo porte aos investimentos.

OS CRAQUES DA UNIMED Em 2004, para evitar que os recursos aplicados pela Unimed terminassem nas mãos de credores do Fluminense, a empresa deixou de repassar dinheiro ao clube, atuando diretamente no departamento de futebol, ela mesma contratando os jogadores. Foi o início de uma nova fase, marcada pelas chegadas de Romário, Edmundo, Roger e Ramon, entre outros. Àquela altura, o poder de influência de Celso Barros no futebol crescia consideravelmente, assim como os salários do elenco. "Ao trazer aqueles jogadores, a penetração da Unimed no mercado foi 'estúpida'. E o Celso Barros tomou gosto pela coisa, não largou mais", diz um ex-funcionário do clube.

O Fluminense passou a ser visto como o primo rico do futebol carioca, embora a situação das dívidas continuasse tão ruim quanto as de Flamengo, Vasco e Botafogo. Graças à Unimed, o Rio de Janeiro, mais precisamente as Laranjeiras, voltou a ser considerado um mercado atrativo por jogadores. Além de receber bem e em dia, eles vinham com a perspectiva de jogar numa equipe de ponta. "É um erro demonizar a Unimed. Ela tem de ser exaltada não só por ter investido no Fluminense, como por ter de certa forma revitalizado o futebol do Rio, trazendo novas perspectivas para o mercado", afirma o gerente de futebol, Gustavo Mendes.

A presença do patrocinador, no entanto, trouxe problemas internos. Ao ser demitido, o técnico Oswaldo de Oliveira acusou a Unimed de exigir a escalação de seus jogadores, como Petkovic. "Nunca houve isso, os técnicos têm total liberdade para escalar quem quiserem. Abel, Ivo Wortmann e Paulo Campos passaram por aqui e não tiveram esse problema. Quando o *[Antônio]* Lopes acertou, o Celso fez questão de dizer que no Fluminense não existia esse tipo de ingerência. Agora, todo mundo tem opinião, e o gestor também", diz Tote, o vice de futebol. "Ninguém vai dizer para o treinador escalar fulano ou beltrano, mas após o jogo os dirigentes têm o direito de perguntar por que determinado jogador foi escalado."

A questão do pagamento dos salários também é motivo de polêmica, uma vez que quem recebe pela Unimed está com os vencimentos sempre em dia, ao contrário dos jogadores formados em casa. A diretoria contesta os constantes rumores de que há divisão no elenco, como o atacante Evando chegou a revelar quando Lopes assumiu: "Todos recebem do Fluminense, e não é pouco. Quando atrasa para um, atrasa para todo mundo. A Unimed paga apenas o direito de imagem", argumenta Tote.

> "Agora, se retirarmos nosso nome, **também deixo de investir no futebol**"
> **CELSO BARROS** presidente da Unimed

Celso Barros prefere não antecipar o futuro. A solução para a crise passa pela recuperação do time no Brasileiro. Caso contrário, é bem possível que o contrato seja revisto ao fim da temporada: "Poderíamos vender o espaço que temos na camisa. Agora, se retirarmos nosso nome, também deixo de investir no futebol", diz. "Ou passamos a fazer um investimento mensal, só para cumprir o que está estabelecido pelo compromisso até 2009." Pelo sim, pelo não, é bom o Fluminense conquistar uma vaga na Libertadores. ✪

O grupo estava confiante, claro. Não eu, que sou muito pé-no-chão, sempre soube que ninguém ganha de véspera, que a gente tem 1982 como exemplo. Não chegava a ser excesso de confiança. Mas fomos uma das poucas seleções com quase todos os treinos abertos para os torcedores. A concentração não é a mesma desse jeito. Os torcedores iam para ver jogada bonita, balãozinho, e não era hora disso. Fizemos uma preparação que, acredito, não foi a ideal. Tinha que ter mais concentração no trabalho, e não vi isso. Acho que faltou um compromisso de "somos os melhores, mas, para ganhar, temos que suar". Muitas seleções fizeram vários bons amistosos antes. O Brasil fez dois.

Do jogador não é. Não é o jogador quem marca amistoso nem quem decide a forma de trabalho.

Depois da Copa eu me desliguei de tudo. Quis ir direto para a Itália, me tranquei. Ouvia as comemorações dos italianos e queria morrer ali. Conhecendo o Dunga como jogador e sabendo das exigências dele com ele mesmo, acho que foi uma escolha legal. As pessoas têm respeito por ele, pelo jogador que ele foi. E pelo momento que passamos, depois desse baque, precisamos de motivação.

Não tenho motivos para recusar, até porque sempre mostrei o prazer que é vestir a camisa do Brasil. Mas, se a convocação vier, antes gostaria de conversar com o Dunga. Porque, para ir para a seleção, tem que ser para ganhar.

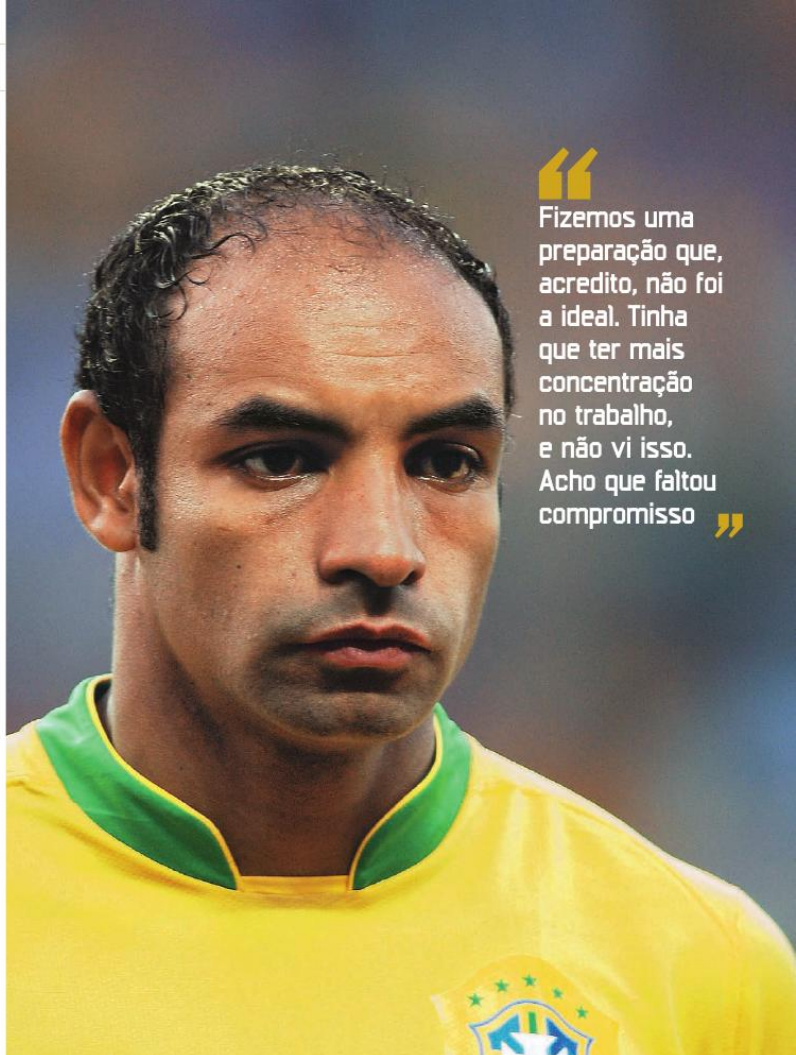
Era uma coisa que eu não fazia normalmente. Na seleção, eu era quase o terceiro zagueiro, então foi um sacrifício mesmo. Aqui no Real não vou jogar da mesma forma que na seleção. Até porque na seleção os laterais iam muito, então eu tinha que ficar para segurar.

Dá muita, muita raiva. Nós fizemos nosso trabalho em campo. Tirar um título de um time desses... Só na final da Copa, se eu não me engano, estavam nove jogadores da Juventus! Se tinha ou tem um culpado, precisavam fazer alguma coisa para punir. Mas não com os jogadores.

Todo mundo pensa que ele me levou para a Juventus, mas não foi. Para a Roma, sim. Eu acertei com a Juventus antes dele, acho. Ao menos eu nem sabia que ele ia para lá. E ele achava que eu ia para a Inter. Foi diferente do que aconteceu agora, quando vim para o Real. Dessa vez ele me ligou, me chamou. Acho que ele gosta de mim pelo meu comportamento em campo e fora. Ele tem um respeito por mim, e eu entendo ele só pelo olhar. Não somos amigos pessoais, de sair para jantar, essas coisas.

O Real Madrid é o time mais conhecido do mundo, com grandes estrelas. A vaidade faz parte, cada um tem o seu nome. Só que, se fica só nessa, acontece o que tem acontecido. Tive a sorte de vir com o Capello, e ele é pelo grupo. E foi muito claro: quem não estiver dentro do projeto dele, pode ir embora. Ele é direto, meio grosso até, e os jogadores entenderam. Acabou a brincadeira, tem que ganhar.

Não vou dizer que não gosto de festa, de sair. Mas tem hora para isso. A gente depende do condicionamento. Sei que se eu ficar na noite, bebendo, não vou render. Mas nas férias eu saio.

> "Fizemos uma preparação que, acredito, não foi a ideal. Tinha que ter mais concentração no trabalho, e não vi isso. Acho que faltou compromisso"

Fácil em nenhum lugar é. Acho um bocado complicado. A marcação é quase a mesma, um bocadinho pesada aqui também. Treino muito, trabalho forte no dia-a-dia. Comecei na equipe B, e isso foi muito bom. No início ficava ansioso, queria ir logo para o time principal, mas sabia que era muito novo. Aqui é diferente porque é um futebol mais rápido. Eles até molham o campo sempre antes dos jogos, para a bola correr mais depressa. No Brasil, o futebol é mais técnico e com mais pegada. São dois aprendizados.

Vim para cá com minha mãe, meus irmãos e minha irmã, e agora a Nailê veio também. Ela é minha namorada já há três anos... Ai! Ai! Olha só, o cara está aqui em casa fazendo meu cabelo e está doendo muito! Vamos continuar daqui a uns 40 minutos?

Tenho que fazer de 15 em 15 dias, mais ou menos, e demora umas três horas de cada vez. A maioria das tranças é com meu cabelo mesmo, mas tem um pouco de cabelo aplicado. Faço há dois anos e no início doía muito, mas hoje já acostumei. Mas é normal, lavo todo dia com xampu e condicionador comuns, não precisa de nada especial, não...

Fico tranqüilo porque o cara vem aqui em casa, então, enquanto ele faz as tranças, eu fico jogando games de computador, fico na internet, no Orkut. Adoro computador. E sou vaidoso, tenho que ser, né? Mas só faço isso mesmo. No Brasil fazia unha, mas parei.

Sou gremista, sim. Procuro ver os jogos, sei que está entre os primeiros no Brasileiro. Os jogos passam aqui em Portugal, tem muito canal brasileiro. Agora mesmo estou vendo a Record, e vejo sempre novela da Globo, aquela *Cobras e Lagartos*.

Estou feliz com o Grêmio, pelo Brasileiro, e com o Inter também, por causa da Libertadores. É time do Sul, mostra que o futebol de lá não é só porrada. Tem qualidade também. Então, torci para o Inter sim, é o Sul! E acho que ia ter colorado torcendo pelo Grêmio também.

O Ronaldinho é o melhor do mundo, foi eleito duas vezes seguidas. Eu estou só começando. Não vou mentir, fico feliz com a comparação, mas fico quieto porque sei que o Ronaldinho é o Ronaldinho e o Anderson é o Anderson, estou recém-começando. E procuro fazer a mesma linha dele, tentar o mesmo trajeto que ele está fazendo.

Sou um jogador que passou por todas as categorias de base da seleção, então vou continuar a fazer o meu, trabalhando para disputar não só as Olimpíadas, mas para ter uma chance na seleção principal também. E uma coisa que aprendi é que é fácil chegar à seleção, difícil é ficar. Aprendi isso na base. É muito jogador disputando, todos com qualidade...

Sempre fui forte! *[risos]* Tô brincando. Sempre tem o que crescer. Peguei um pouquinho mais de massa depois que vim para cá. Não quero ficar que nem o Hulk, nem crescer para os lados, mas ainda quero ganhar mais. Só que não passei por um trabalho específico para isso. Tenho facilidade para ganhar massa.

Sinto falta dos amigos, de um pagodinho. Tenho amigos aqui no Porto, claro. Mas amigo, amigo mesmo, só no Brasil, no Sul. Lá eu tenho até uma banda de pagode, a Louca Sedução. Sou o empresário, ajudo. Eles já vão para o terceiro CD, já estiveram no programa da Regina Casé, são muito bons. Eu fazia tanta coisa lá, estava sempre com os amigos, fazendo um pagodinho em casa, tocando um pandeirinho... Aqui não tem isso. ✪

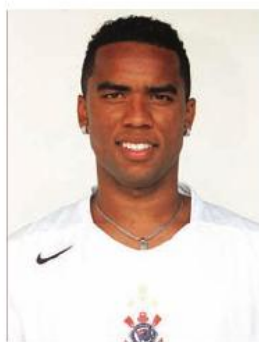
“O Ronaldinho é o melhor do mundo. Não vou mentir, fico feliz com a comparação, mas estou recém-começando...”

Edmundo, com suas três Bolas de Prata e uma de Ouro, não faz um mau campeonato. Mineiro, outro colecionador de troféus, três prêmios da Placar, é outro que vem jogando bem. Há outros veteranos se destacando, mas 2006 está sendo mesmo dominado pelos novatos. No time titular da revista, temos estreantes como o lateral Ilsinho, do São Paulo, 22 anos. O meia Wagner, do Cruzeiro, e o atacante Soares, do Figueirense, têm 21 anos e nunca tinham ciscado no prêmio. O que dizer do frangote Lucas, do Grêmio, 19 anos, e de Diego, o terceiro goleiro do Palmeiras, com seus 23 anos? É essa garotada que está bem na foto e briga forte pelas primeiras posições.

O fenômeno tem relação direta com a revoada de craques, mas o fato é que os clubes abriram espaço para quem normalmente teria poucas chances no time de cima. E, por causa disso, a disputa em algumas posições virou quase um conflito de gerações. No gol, o veterano Rogério Ceni, 33 anos, briga forte com o palmeirense Diego, dez anos mais novo. Na lateral-direita, o veterano Paulo Baier, presente na disputa das últimas três Bolas de Prata, está vendo meninos tomarem conta da posição. E assim caminha a Bola de Prata 2006...

Para a Bola de Ouro, não é exagero dizer que ainda está tudo aberto. O meia cruzeirense Wagner, que vinha na liderança, não suportou a má fase de seu time e caiu para quinto. Foi atropelado por Lucas, Soares e agora também por Fernandão. É verdade que todos esses terão que seguir jogando bem e fazer alguma mandinga contra o palmeirense Diego. Desde que Marcos e Sérgio se machucaram, o terceiro goleiro do Palmeiras mostrou que tinha talento para ser o primeiro. Mas são mais 14 rodadas até o fim do Brasileiro, tempo suficiente para reviravoltas.

Resultado parcial

MELHORES E PIORES

N

Chuteira de Ouro 2006 ATÉ

C B C

Outubro do ano passado. Fred tinha marcado tanto gol, mas tanto gol no primeiro semestre, que estava folgado na liderança da Chuteira de Ouro apesar de já estar na Europa, jogando pelo Lyon. Eram 40 gols, 80 pontos. Atrás do ex-cruzeirense Fred estavam Robinho, que também acabara de deixar o Santos, Tuta (Fluminense), Alex Dias (Vasco), Marcinho (Palmeiras) e Finazzi (Atlético-PR). Estamos em outubro de novo, nove meses de bola rolando, e qualquer um desses seis jogadores lideraria a Chuteira de Ouro de 2006. Gol, este ano, é um artigo de luxo. O atual líder, Carlinhos Bala, marcou modestos 25 gols na temporada por Santa Cruz e Cruzeiro. Muito pouco mesmo. Os goleadores do Campeonato Brasileiro, na 24ª rodada, são Souza, do Goiás, Soares e Schwenk, do Figueirense. O trio está com dez gols na competição, uma média raquítica de menos de meio gol por jogo.

A Chuteira 2006 é um retrato dessa inapetência toda. O corintiano Nilmar rompeu ligamentos do joelho em 17 de julho e desde então não entra em campo. Mesmo assim, é o vice-artilheiro do Brasil. Carlinhos Bala vem freqüentando o banco cruzeirense e sustentando o primeiro posto. Tuta parecia que iria encrespar. Só parecia, não consegue sair do lugar. Edmílson e Marinho tentam, na Série B, reagir, mas o gol por lá rareou também. Em meio à pasmaceira toda, basta alguém acordar e fazer o trabalho básico de um artilheiro para ficar com o prêmio. Quem se habilita?

meutimedossonhos

“Ricardo Rocha é meu amigo, a seleção é minha e coloco quem confio”

★ Goleiro

★ Lateral-direito

★ Lateral-esquerdo

★ Zagueiros

★ Volante

★ Meias

★ Atacantes

★ Técnico